

PROGRAMA IBERO-AMERICANO PARA O FORTALECIMENTO
DA COOPERAÇÃO SUL-SUL

GERANDO INDICADORES PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL

Um olhar ao trabalho realizado a partir do Programa
Ibero-americano para o Fortalecimento
da Cooperação Sul-Sul

Documento de trabalho No. 4, ano 2013



Programa Ibero-americano para o Fortalecimento
da Cooperação Sul-Sul

GERANDO INDICADORES PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL

Um olhar ao trabalho realizado a partir do Programa
Ibero-americano para o Fortalecimento da Cooperação
Sul-Sul

Documento de trabalho No. 4, ano 2013

Cristina Xalma



Programa Ibero-americano para o Fortalecimento
da Cooperação Sul-Sul

Maqueta, disign e impressão: MONOCROMO
Vázquez 1384, piso8, apto.12
Telefone: +598 2400 1685”
info@monocromo.com.uy

© 2013 Programa Ibero-americano para o Fortalecimento da Cooperação Sul-Sul.

Depósito legal: 361821

ÍNDICE

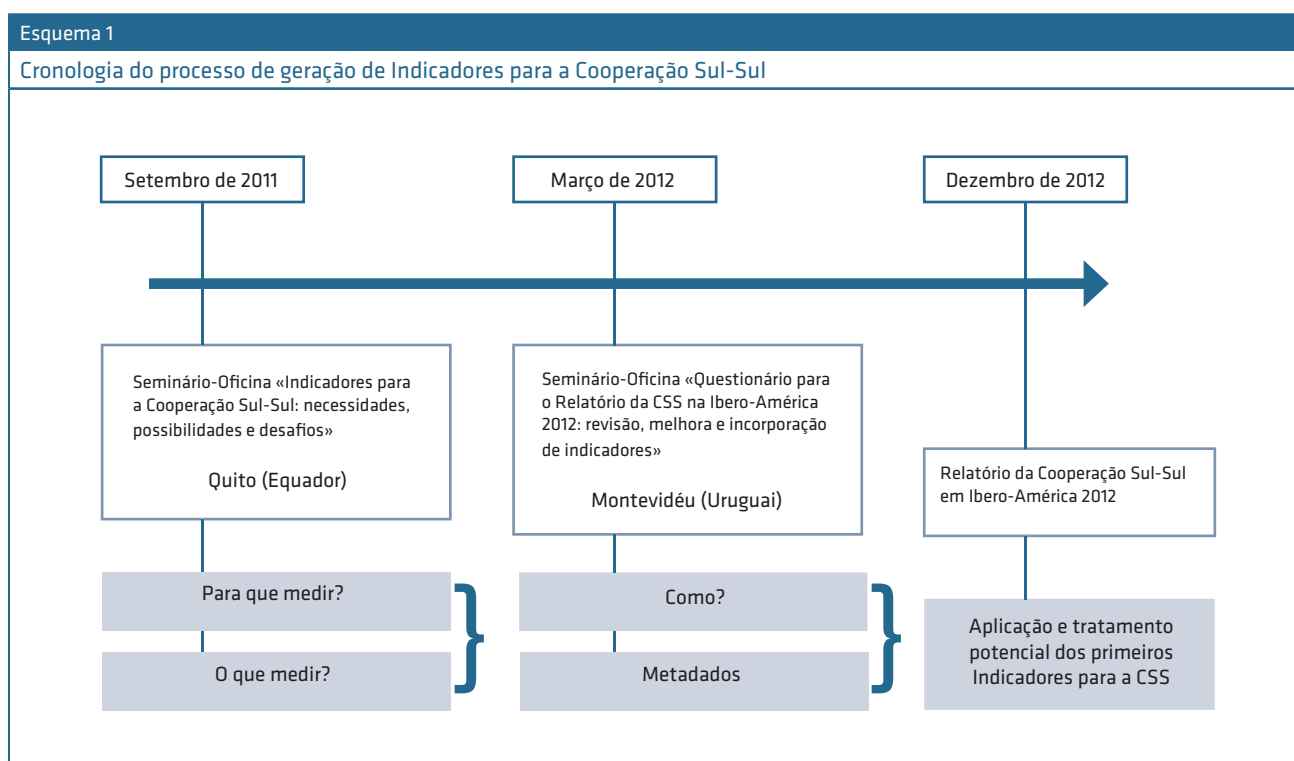
Introdução: o desafio de gerar Indicadores para a Cooperação Sul-Sul	5
Para que e o que queremos medir? Resumindo os consensos de Quito	7
Montevideu: o passo rumo a como elaborar os indicadores selecionados	10
Metadados dos Indicadores para a Cooperação Sul-Sul	13
Ilustrando o uso de Indicadores a partir do relatório da CSS em Ibero-América	
Indicadores construídos em torno ao registro de datas.	16
Indicadores construídos em torno ao registro de custos	19
Do comércio exterior à Cooperação Sul-Sul: reinterpretando indicadores	20
A modo de sínteses: revisão do aprendido e novos desafios	25
Anexo. Metadados dos Indicadores a partir do Cabrera (2012)	27
Bibliografia	40

Introdução: o desafio de gerar Indicadores para a Cooperação Sul-Sul

Há alguns anos e com o traçar do objetivo de conhecer cada vez mais e melhor a Cooperação Sul-Sul que tem lugar na Ibero-América, as Agências e Direções Gerais de Cooperação dos países, a Secretaria Geral Ibero-americana (SEGIB) e o Programa Ibero-americano para o Fortalecimento da Cooperação Sul-Sul (PIFCSS), tiveram que fazer frente a um desafio importante: como avançar na capacidade para «identificar, medir, caracterizar e avaliar» esta cooperação (Cabrera, 2012; p.5), o que em outros termos coincide com o desafio de gerar Indicadores para a Cooperação Sul-Sul.

O Esquema 1 faz um seguimento cronológico dos esforços que, ao longo dos anos 2011 e 2012, o espaço ibero-americano começou a realizar nesta direção. Em particular:

- Em setembro de 2011 se celebrou em Quito (Equador), um primeiro Seminário-Oficina sobre «Indicadores para a Cooperação Sul-Sul: necessidades, possibilidades e desafios». Em dito Seminário-Oficina, os países refletiram de maneira coletiva entorno duas questões imprescindíveis em todo o processo de construção de indicadores: *Para que medir – a Cooperação Sul-Sul–?* (Qual é o objetivo?) e *O que medir – da CSS–?* (através de que). Depois alcançar alguns consensos que se realizou, além disso, mas só de maneira exploratória uma primeira reflexão acerca do “Como?”, realizou-se as medições acordadas.
- Apenas seis meses depois, em março de 2012, em Montevideu (Uruguai) houve o Seminário-Oficina «Questionário para o relatório da Cooperação Sul-Sul em Ibero-América 2012:



revisão, melhora e incorporação de indicadores». Nesta ocasião, o espaço ibero-americano buscou o apoio de especialistas que pudessem ajudar a transformar cada um dos indicadores que os países queriam ter em algo realmente factível. Deu-se o passo, agora já de maneira firme, para abordar ou *como – elaborar os indicadores propostos–*. Neste sentido, tinha que se considerar os requisitos técnicos que deve cumprir qualquer indicador, entre os que destacariam, por exemplo, a possibilidade real de gerar e registrar os dados primários que, de maneira estável, «*sistemática e sem ambiguidades*» (Cabrera, 2012; p.5), alimentam todo indicador.

- Conforme ao anterior, o passo seguinte consistiu na elaboração, para cada um dos indicadores propostos, de «*uma definição, uma fórmula de cálculo e uns metadados*» que facilitassem tanto «*o melhor entendimento* (possível – de ditos indicadores–, como sua ótima) *socialização*» (Mondragón, 2002; p.54). De fato, a elaboração dos Metadados era uma das tarefas incluídas no plano de trabalho de Quito, mas sua concretização resultava impossível sem os passos dados no Seminário-Oficina de Montevideú.

- Finalmente, o último passo era começar a testar ditos indicadores. Por suas características o espaço melhor para isso, assim como para conhecer seu potencial tratamento, não era outro que o Relatório da Cooperação Sul-Sul em Ibero-américa 2012: ou seja, o mesmo que reúne todos os dados disponíveis sobre a CSS da região.

Por tudo isso, o presente documento se estrutura da seguinte forma:

- a) Em primeiro lugar, se apresentam os Indicadores para a Cooperação Sul-Sul que os países declararam que queriam ter nos termos do acordado no Seminário de Quito.
- b) Em segundo lugar, se analisa quais destes são factíveis de obter, considerando, por um lado, a informação base da que disponhamos e, por outro, a possibilidade de que cumpram com uma série de requisitos. O exposto resumiria os resultados de Montevideú.
- c) A continuação se apresentam, ainda com certa síntese, os Metadados elaborados.
- d) Em último termo, a aplicação dos principais Indicadores obtidos se ilustra a partir dos exemplos incluídos no *Relatório da Cooperação Sul-Sul em Ibero-América 2012*.

Para que e o que queremos medir?

Resumindo os consensos de Quito

Durante os dias de 14 a 16 de setembro de 2011 se celebrou em Quito (Equador), o Seminário-Oficina «Indicadores para a Cooperação Sul-Sul: necessidades, possibilidades e desafios». Esta atividade foi organizada pelo Programa Ibero-americano para o Fortalecimento da Cooperação Sul-Sul (PIFCSS) com o apoio da Secretaria Técnica para a Cooperação Internacional (SETECI) do Equador. Estiveram convocados os 19 países membros do Programa, além disso, representantes de organismos conhecedores da matéria, como a Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL) e da academia.

Este Seminário-Oficina propôs para que os países ibero-americanos identificassem alguns Indicadores para a Cooperação Sul-Sul e definiram suas possíveis etapas de implementação. Os principais acordos alcançados ficam resumidos na Tabela 1. Em particular:

- O “*Para que medir?*” Ficou sujeito a tentativa de dar resposta a questões que podem organizar-se sob três grandes blocos de temas:
 - a) A possibilidade de dar visibilidade à Cooperação Sul-Sul.
 - b) A gestão (de curto, médio e longo prazo, diária e estratégica) da Cooperação Sul-Sul e, mais explicitamente, o que afete a seu processo de planejamento e seguimento. Dentro deste mesmo bloco, deveria estar incluído tudo o que permita aprofundar no conhecimento da institucionalidade das Unidades Técnicas dos países.
 - c) A avaliação da própria Cooperação Sul-Sul (Cabrera, 2012; da Lastra, 2011).
- O *Que medir?* Concretizou as questões anteriores. Assim:
 - a) O dar visibilidade ficou reduzido a oferecer distintas dimensões da CSS;
 - b) Os aspectos relacionados com a gestão se trataram de maneira mais diversa, abordando desde a identificação da tomada considerando prioridades estratégicas e de desenvolvimento nacional até a disponibilidade de recursos humanos, materiais e financeiros. Conforme a o mencionado anteriormente, aqui deveria incluir-se também o conhecimento da fortaleza institucional das Unidades Técnicas.

- c) Por sua parte e respeitando o marco teórico que pressupõe que a prática da Cooperação Sul-Sul em Ibero-América está associada ao exercício de uma série de princípios, a avaliação deveria abordar questões relacionadas tanto com os resultados como com o processo. Por isso e em concreto, o espaço ibero-americano acordou buscar Indicadores que permitiram conhecer que sucede com a eficiência, a eficácia e a sustentabilidade da CSS, mas também com o cumprimento da horizontalidade, equidade, reciprocidade e responsabilidade compartilhada, entre outros.

Do mesmo modo e tal e como se observa na mesma Tabela 1, em Quito os países ibero-americanos fizeram um primeiro intento para, de maneira ainda muito intuitiva, tentar identificar, além disso, e a partir do reflexionado anteriormente, que Indicadores para a Cooperação Sul-Sul seriam desejáveis gerar. Respeito da bateria de indicadores propostos, ressaltar varias cosas:

- Trata-se de indicadores que não são firmes, pois ainda que os especialistas participantes realizassem certa guia orientaria sobre o que efetivamente é um indicador, neste primeiro exercício pesou mais aquilo a o que se aspirava que o realmente factível.
- Os indicadores de dimensão (número de ações e projetos, custo, valor da cooperação oferecida ou recebida, entre outros) estão muito na linha dos que se vem propondo e/ou utilizando nos sucessivos *Relatórios da Cooperação Sul-Sul em Ibero-América*. Do mesmo modo, a estimação do valor continue sendo um dos aspectos que mais interesse desperta e sobre o que os países propõem trabalhar no médio prazo.
- Por sua parte, se pressupõe que os indicadores mais centralizados em questões de planejamento e gestão requereriam, a priori, um tipo de informação da que hoje no dispomos (a possível alienação da cooperação com os planos de desenvolvimento; o número de técnicos participantes; o custo e valor dos equipamentos usados; etc.).
- Finalmente, os países coincidiram em que os indicadores dos que se queria dispor para avaliar a Cooperação Sul-Sul, especialmente nos aspectos relacionados com seu processo, são os mais difíceis de obter. Neste sentido, refletiu-se acerca de como medir conceitos como a hori-

TABELA 1

Possíveis Indicadores para a Cooperação Sul-Sul. Acordos de data 16/09/2011.

Para que medir	O que medir	Indicadores acordados
Visibilizar	Dimensão	1. Número de projetos e ações
		2. Custo da Cooperação oferecida
		3. Custo da Cooperação recebida
		4. Número de projetos e ações por país de destino
		5. Número de projetos e ações por país de origem
		6. Número de projetos e ações por setor
		7. Número de projetos e ações por modalidade (bolsas, voluntariado, técnica,...)
		8. Valor da Cooperação oferecida e recebida
Planejar	Prioridades/ Estratégia desenvolvimento	9. Existência de um plano de política nacional, setorial e/ou prioridades de cooperação *
		10. Número de projetos alinhados com as políticas nacionais, setoriais e/ou prioridades de cooperação *
		11. Montante econômico dos projetos que estão alinhados com as políticas nacionais, setoriais e de prioridades de cooperação *
		PENDENTES: Reformular *
	Capacidades/ Necessidades efetivamente exectadas	12. Número de projetos oferecidos por setor/ Total projetos oferecidos por cada país
		13. Número de projetos recebidos por setor/ Total projetos recebidos por cada país
		14. Montante de projetos oferecidos por setor/ Montante total de cooperação oferecida
	Disponibilidade recursos humanos	15. Montante de projetos recebidos por setor/ Montante total de cooperação recebida
		16. Quantidade de técnicos enviados pelo setor (primeiro passo) e/ou por atividade (segundo passo)
	Disponibilidade recursos materiais	17. Quantidade de técnicos recebidos pelo setor (primeiro passo) e/ou por atividade (segundo passo)
		18. Custo em equipamento / Custo total do projeto PENDENTE: Valorizar *
Disponibilidade Recursos financeiros	19. Orçamento anual para execução CSS total e por setor **	
	20. Orçamento anual para execução CSS e Triangular total e por setor	
	21. Contribuição extra orçamentária para CSS (C. Triangular, outros) vs Orçamento da unidade de CSS	
Avaliar	Horizontalidade	Estudo de casos
	Equidade/Reciprocidade	Estudo de casos
	Responsabilidade compartilhada	22. % do custo do projeto assumido por cada uma das partes
		23. % dos projetos formulados de maneira participativa sobre o total
		24. % dos projetos com avaliações conjuntas sobre o total
	Pertinência	Estudo casos
	Eficiência	25. % de recursos executados com recursos do orçamento
		26. % de projetos executados no tempo e com recursos planejados
	Eficácia	27. % de projetos com objetivos cumpridos ***
Sustentabilidade	Medição desejável, mas complexa e de alto custo*	
Inovação	Definir o conceito de inovação e seus conteúdos *	
Replicabilidade	28. % de projetos ofertados que tenham sua origem em projetos recebidos	
Conhecer institucionalidade	Fortaleza institucional das Unidades de Cooperação Sul-Sul	29. % de pessoas de CSS / Total de pessoal da entidade responsável
		30. % Orçamento destinado ao área de CSS / Total do Orçamento da entidade responsável
		31. Orçamento de CSS / Pessoal da CSS
		32. Orçamento da Unidade de CSS

* Indicadores que os países consideravam que enfrentavam mais dificuldades.

** Refere-se aos montantes de cooperação de que dispõem as instituições coordenadoras de cooperação dos países.

*** Entende-se por projeto cumprido o que alcançou ao menos 80% de seus objetivos

FONTE: Reprodução a partir do relatório final do Seminário-Oficina «Indicadores para a Cooperação Sul-Sul: Necessidades, possibilidades e desafios» celebrado em Quito (Equador) de 14 a 16 de setembro de 2011.

zontalidade, a equidade, a reciprocidade e a pertinência e se acordou que, de momento, é melhor avançar nestes só através dos estudos de casos. Os possíveis indicadores ficariam, pois pospostos.

Em forma de resumo, Quito foi o primeiro passo de um grande desafio: conseguir que, em um prazo de uns dois anos, Ibero-América dispusesse de um sistema básico de Indicadores para a Cooperação Sul-Sul que esteja operativo em todos os países membros do Programa. Para isto, se propôs um plano de trabalho que permitisse avançar nas seguintes direções:

- A elaboração de uns metadados que dotem de rigor técnico aos Indicadores para a Cooperação Sul-Sul que, a priori, se queria ter.
- A realização de algumas provas piloto com os indicadores

obtidos, em três países cujos sistemas de informação registrem níveis de desenvolvimento distinto.

- A realização de oficinas temáticas sobre aqueles Indicadores que requerem de uma homogeneização prévia de critérios (por exemplo, em todo o referente à valorização).
- O impulso a iniciativas que reduzam as brechas existentes entre os sistemas de informação dos que hoje dispõem os distintos países ibero-americanos.
- O avanço rumo ao desenho e implementação de uma plataforma virtual compartilhada que permita inserir e compartilhar informação seguindo um formato compatível para todos.

Como se comprovará a seguir, Montevideu supôs um passo firme em essa direção, pois sentou as bases da discussão e o trabalho que permitiu a elaboração dos metadados.

Montevideu: um passo rumo a como elaborar os indicadores selecionados

Entre os dias 27 e 29 de março de 2012, o Programa Ibero-americano para o Fortalecimento da Cooperação Sul-Sul, com o apoio da Secretaria Geral Ibero-americana (SEGIB) e da Agencia Uruguia de Cooperação Internacional (AUCI), celebraram em Montevideu (Uruguai) o Seminário/Oficina «Questionário para o Relatório da Cooperação Sul-Sul em Ibero-américa 2012: revisão, melhoria e incorporação de indicadores». Como em Quito, participaram neste, os 19 países membro do Programa, representantes de organismos como a CEPAL e alguns académicos. Um dos objetivos explícitos deste Seminário/Oficina era continuar avançando na geração de Indicadores para a Cooperação Sul-Sul.

O Esquema 2 se elaborou para entender a lógica com a que se deu continuação a este processo de construção de indicadores:

- Primeiro passo que se deu em Montevideu serviu para ratificar que os indicadores potenciais só se transformam em reais se são factíveis: ou seja, se se garante que cumprem com certos requisitos. Quais são os requisitos mais importantes?
 - a) O por um lado, um indicador deve cumprir com certas características: como a exemplo de ilustração, todo indicador deve ser específico, explícito, relevante, claro e de fácil compreensão.
 - b) Por outro lado, a informação da que se alimentam os indicadores, também deve respeitar alguns critérios. De fato, é necessário definir e registrar um mínimo de dados primários, assim como garantir que estes provenham de fontes estáveis que possam ser gerados com uma frequência regular. Se isto não se cumpre se limita o potencial de uso e interpretação de um indicador, pois se impede, entre outros, a realização das análises de evolução, a construção de séries temporais as necessárias comparações em tempo e espaço.
- Se se cumprem estes requisitos, pode-se proceder a construir o indicador. O Esquema 2 recolhe também os passos que a continuação deve seguir este processo:
 - a) Desenvolver uma definição do indicador.
 - b) Associar uma fórmula de cálculo.
 - c) e elaborar os metadados: ou seja, uma caracterização de cada indicador que permita; tanto a quem o elabo-

ra, como a quem o usa, conhecer com precisão como se construiu. O conjunto destas informações constitui o metadado (Cabrera, 2012).

- Contudo, ainda, tem que se considerar-se a forma última de cada indicador, a qual está condicionada pelo uso final que lhe quer se dar. Dependendo de dito uso, terá que escolher sobre que unidades de análises, níveis de agregação e variáveis de corte, se construirá cada indicador. De fato, as múltiplas opções de combinação que estes parâmetros oferecem possibilitam que, a partir de uns poucos dados básicos, se possa obter um leque de indicadores realmente amplo.

Postos sobre a mesa estes elementos, o desafio do Seminário/Oficina de Montevideu era ser capaz de aplicar estas reflexões gerais ao caso específico dos Indicadores para a Cooperação Sul-Sul que os países queriam construir no espaço ibero-americano. Neste sentido:

- Respeitando a lógica exposta, ao ponto de partida, devia se situar no elemento mais restritivo: a disponibilidade real de dados primários. Por isso, teria que se perguntar: De que dados dispõe o espaço ibero-americano para construir indicadores? De que dados deveria dispor? Quais se poderiam efetivamente ter se se considera a capacidade de registro dos países da região? Assim, nesta mesma linha e para poder avançar na construção de Indicadores para a CSS, os países participantes consentiram na necessidade de fortalecer o registro do que já se tem, mas também em começar a registrar, além disso, os seguintes dados primários:
 - a) Datas de aprovação, início e finalização.
 - b) Custos diretos executados e orçamentos.

A tabela 2 resume as definições que se assumiram para cada um destes dados.

- Igualmente, os países consentiram que, para que Ibero-américa possa desenhar a série de Indicadores que potencialmente permitirão conhecer melhor a Cooperação Sul-Sul na região, teria que poder combinar corretamente as seguintes:
 - a) Unidades de análises, ou seja, escolher para cada indicador entre *programas, projetos e ações de cooperação*, os quais constituem «os (*distintos*) produtos tangíveis»

ESQUEMA 2

Lógica seguida no processo de geração de Indicadores para a CSS (Montevideú)

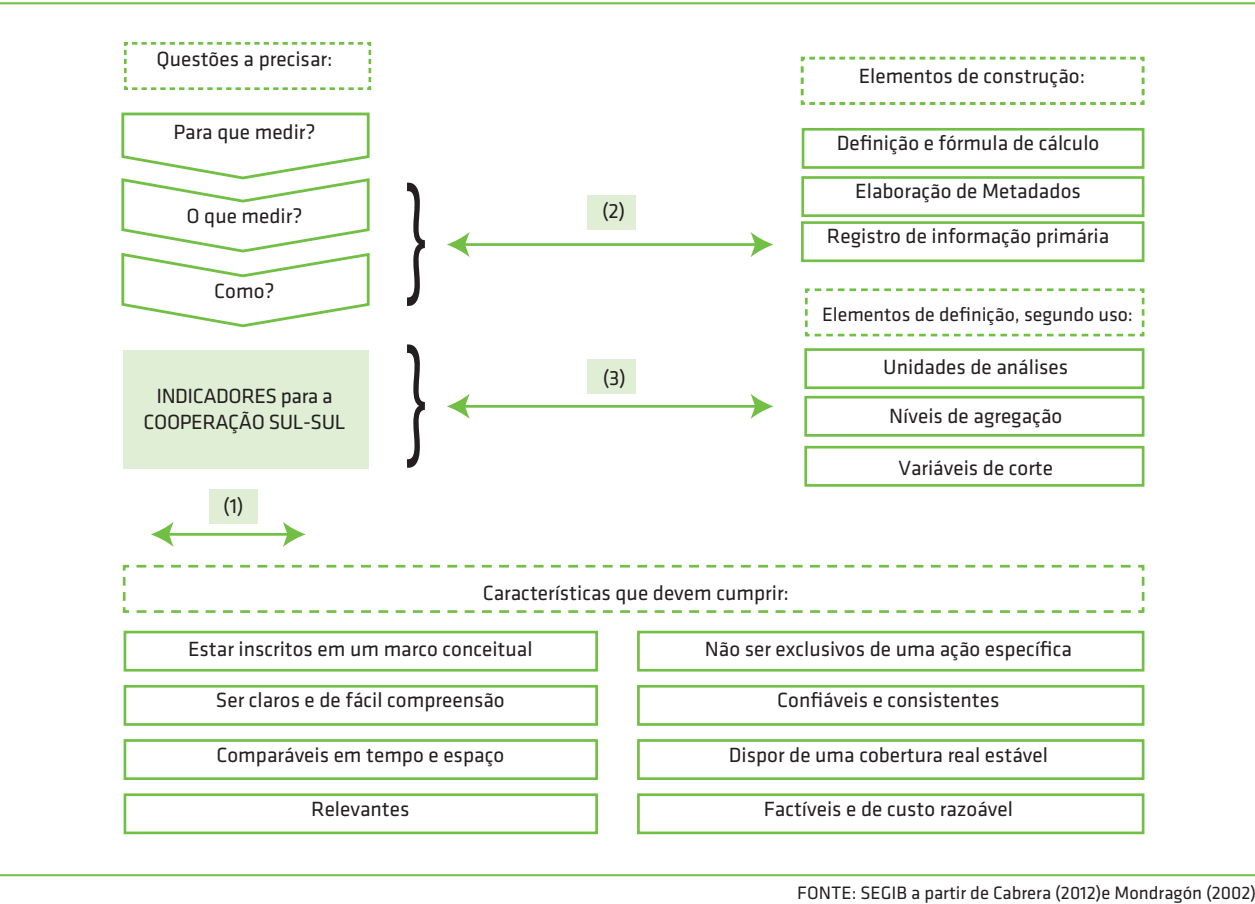


TABELA 2

Definições de dados primários consentidas em Montevideú, em data de 27/03/2012.

Dado primário	Definição na que se pode referenciar
Data de aprovação	Um projeto se considera aprovado quando existe um documento de projeto e além deste foi formalizado, a margem da instância concreta. Data considerada: a segunda, pois coincide com o cumprimento de ambos requisitos.
Data de início	Um projeto se considera iniciado quando se inicia a primeira atividade. A data é a do início da primeira atividade, com independência de que houvesse atividades de gestão prévias.
Data de finalização	Um projeto se considera finalizado quando se dá por cumprida a última atividade, sem que isso inclua à realização do Relatório final, uma condição que não é requisito em todos os projetos. A data é a do final da última atividade.
Custo direto Utilizado	Entende-se a «soma total dos gastos associados ao ciclo do projeto que implique desembolso de recursos financeiros».
Custo direto Orçado	Refere-se à «soma de gastos previstos no documento de formulação do projeto».

FONTE: Elaboração própria a partir de PIFCSS (2012)

através dos que se executa a CSS (Cabrera, 2012; p.6) e que possibilitam dar seguimento a suas fases de execução (identificação, negociação, implementação e resultados);

- b) Níveis de agregação, diferenciando em cada ocasião seu tratamento *por país, por oferente o receptor*, para *todos os oferentes os receptores o para a região ibero-americana*, por nomear algumas opções possíveis.
- c) Variável de corte que modifiquem a perspectiva de

análises ao optar pela *modalidade, a duração, o custo ou o setor de atividade*, entre outros.

Em síntese, Montevideu permitiu dar o passo desde o desejável até o factível: estabeleceu os requisitos de construção de todo indicador e os aplicou ao caso ibero-americano. Os consensos alcançados permitiram sentar as bases para conhecer que Indicadores para a Cooperação Sul-Sul, que estamos em condições de gerar e como devemos fazê-lo. O resultado final, com seus correspondentes Metadados, se expõe a seguir.

Metadados dos Indicadores para a Cooperação Sul-Sul

O exposto na seção anterior permite afirmar que, ainda respeitando as restrições e critérios que se impõem, a bateria possível de Indicadores para a Cooperação Sul-Sul que se pode gerar é potencialmente muito ampla. Em forma de ilustração,

o Esquema 3 foi elaborado para apresentar 20 destes possíveis indicadores, incluídos e desenvolvidos todos no relatório de Metadados de Cabrera (2012). Tal e como se desprende de sua observação:



TABELA 3	
Metadado do Indicador (1) «Número de projetos aprovados»	
Indicador (1)	Número de projetos aprovados
Unidade de medida	Projetos
Definição	Número de projetos com aprovação no período de referência
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	Contagem de projetos com data de aprovação no período de referência
Informação primária utilizada	Projetos aprovados (data de aprovação)
Período de referência	Últimos 12 meses anteriores ao relevamento
Cobertura	Projetos de CSS dos países participantes do Programa
Periodicidade	Anual
Frequência de relevamento	Anual o menor, dependendo de cada fonte
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS
Níveis de agregação	País oferente; conjunto de países oferentes; país receptor; conjunto de países receptores; conjunto de países com CSS
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: corta, média ou longa duração; custos em trâmites)
Usos	Descrição da cooperação em um período de referência, particularmente em relação ao nível de atividade recente de negociação e projeção de execução a curto prazo. Comparação entre setores, entre países, entre modalidades. Magnitude da cooperação.
Observações	
FONTE: Reprodução de Cabrera (2012).	

- Estes indicadores se constroem sobre os dados primários dos quais o espaço ibero-americano dispõe hoje, assim como sobre aqueles (como são os relativos a datas e custos) para que os países que se manifestaram sua vontade expressa de registro e relato. Este último fato é especialmente relevante para os 9 primeiros indicadores.
 - Todos os propostos compartilham uma mesma unidade de análises: os projetos.
 - Na maioria dos casos, os indicadores podem aplicar-se indistintamente sobre diferentes níveis de agregação. Sucede assim, por exemplo, com a primeira metade destes; enquanto que por outra metade combinariam por sua vez vários destes níveis. Em forma de ilustração:
 - a) *O número de projetos aprovados (1)* pode estimar-se em nível de país oferente, de país receptor, para o total de cada um deles ou para o conjunto da região em um período de referência determinado.
 - b) Por sua parte, *o número de (oferentes) que concentram 75% dos projetos (10)*, combinaría os níveis de países oferentes com o do conjunto da região.
 - Embora, podem usar-se também para distintas variáveis de corte. A priori, portanto e, neste caso específico, os indicadores estão majoritariamente pensados para caracterizar a modalidade de Cooperação Horizontal Sul-Sul Bilateral de projetos em execução durante um período de referência (normalmente um ano natural).
- Não obstante, a maioria poderia ser também aplicável a outras modalidades como a Triangular (de fato, assim se explicita, por exemplo, no número 5, referente ao *Média da relação entre o custo direto do orçamento por oferente(s) e o custo direto por orçamento pelo receptor em projetos aprovados, já sejam bilaterais o triangulares*).
- Por sua parte, a última combinação sobre a que se construiu cada indicador esteve condicionada pelo propósito de análise ou de uso final que por sua vez se deu. Neste sentido e para o caso da série proposta, caberia distinguir:
 - a) Por um lado, os indicadores numerados do 1 ao 9, os quais responderiam à intenção de conhecer melhor aspectos da Cooperação Sul-Sul ibero-americana mais relacionados com a dimensão e com a avaliação de sua gestão, como são a eficiência ou o grau de responsabilidade compartilhada em termos de custos.
 - b) Por outro lado, os compreendidos entre os números 10 e 20 serviriam ao propósito de conhecer o grau e intensidade de relação entre os diferentes cooperadores, assim como para medir sua participação sobre o total da Cooperação Sul-Sul da região. Com respeito a segundo bloco, convém destacar que, como denominador comum, compartilha ou se inspira em outros aplicados ao comércio internacional. Em concreto e tal como se verá em detalhes em outra seção, o que se fez foi adaptar indicadores de comércio à Cooperação Sul-Sul.

Finalmente, temos que destacar que o relatório de Cabrera (2012) inclui, para cada um desses 20 indicadores, seus correspondentes Metadados. Isto significa que para cada indicador se elaborou uma ficha que inclui toda uma série de informações sobre:

- A definição do indicador.
- A fórmula de cálculo ou a definição operativa de dito indicador.
- Sua unidade de medida.
- A informação ou o conjunto de dados primários necessários para sua construção.
- Sua periodicidade de apresentação.

- O período de referência que é considerado.
- A frequência com a que se relevam os mencionados dados primários.
- Qual é a fonte (de onde se extrai a informação primária para construí-lo)?
- Qual é o uso o propósito final do indicador.
- Outras observações (como podem destacar algumas limitações do indicador, detalhes sobre sua construção, etc.).

Em forma de ilustração, apresentamos a Tabela 3, a qual retira a primeira dessas fichas. O resto se reproduz no primeiro dos anexos incluídos neste documento.

Ilustrando o uso de Indicadores a partir do relatório para a Cooperação Sul-Sul na Ibero-América

Tal e como se indicou na primeira seção deste documento, o passo seguinte consiste em começar a provar estes indicadores. E o espaço natural para isto, foi o *relatório da Cooperação Sul-Sul em Ibero-América 2012*. Em concreto, em dito relatório e sempre que houve disponibilidade de dados, os indicadores foram plenamente incorporados; contudo e, quando há falta de dados, não se fez possível à opção de abordar seu potencial tratamento e uso futuro.

Assim, do relatório 2012 se extraem vários exemplos. Sua reprodução nas seguintes subseções segue a mesma lógica que a série de indicadores coletados no Esquema 3:

- Em primeiro lugar, se apresentam aqueles indicadores que puderam ser calculados usando alguns dos dados primários que os países decidiram começar a registrar e reportar depois da Oficina de Montevideu: Os construídos entorno a datas e custos.
- Em segundo lugar, os casos expostos respondem a indicadores obtendo depois aplicar à Cooperação Sul-Sul lógicas normalmente usadas no comercio internacional.

Por último, cabe ter em conta que estes indicadores foram principalmente concebidos e aplicados para a Cooperação Ho-

rizontal Sul-Sul Bilateral. Tal e como se ressaltará na última seção, sua possível aplicação a modalidades como a Triangular será um dos desafios a futuro.

Indicadores construídos entorno ao registro de datas

Na Oficina de Montevideu os países decidiram começar a registrar os dados relativos às datas de aprovação, de início de atividade e de finalização dos projetos e ações de Cooperação Horizontal Sul-Sul Bilateral em execução em 2011. A possibilidade de dispor de ditos dados abriu a porta a gerar um bom número de novos indicadores. O Esquema 4 se elaborou para caracterizar dois possíveis indicadores. Em concreto, vendo o Esquema 4:

- Por um lado, usando as datas de início e finalização (ver fórmula) pode calcular-se a duração Média dos projetos e/ou das ações, segundo se aplique. o resultado que isso lança permite ter uma ideia da «dimensão» que tem os instrumentos através dos que se executa a cooperação orientada ao Fortalecimento de capacidades.
- Por outro lado e recorrendo esta vez às datas de aprovação e início, pode estimar-se que tempo Média trans corre entre o momento em que os projetos e/ou ações são apro-

ESQUEMA 4

Possíveis Indicadores para a Cooperação Sul-Sul, segundo datas e uso potencial

	Indicador	Fórmula	Uso potencial
Datas de Aprovação Início e Finalização	Duração Média dos projetos e/ou ações	$\frac{\sum (\text{datas de finalização} - \text{data de início})}{\text{Total de projetos para os que se dispõe de ambos os dados}}$	DIMENSÃO
	Média de tempo transcorrido entre o momento da aprovação e o de início da atividade	$\frac{\sum (\text{datas de início} - \text{data de início})}{\text{Total de projetos para os que se dispõem de ambos dados}}$	EFICIÊNCIA

FONTE: SEGIB.

vados e aquele no que se inicia a atividade. Nesse caso, o resultado é uma forma de aproximar-se à «eficiência» com a que se implementaram.

Neste sentido, o esforço que os países realizaram para reportar as datas de aprovação, início e finalização dos 586 projetos e as 229 ações que estiveram em execução em 2011, permitiu começar a testar o uso desses dois indicadores. Em concreto e a modo de ilustração, dos cálculos incluídos no relatório 2012 se desprende que:

- Enquanto que os projetos registraram um período de execução médio de 587 dias (algo mais de um ano e meio), as ações se executaram em 41 (pouco mais de um mês).
- Por sua parte, a maioria dos projetos (mais de 75%) demoraram menos de um ano em por em andamento; um 14,4% tardou entre um e dois anos; e foram os menos (10%), os que registraram atrasos superiores aos dois anos (Gráfico 1).

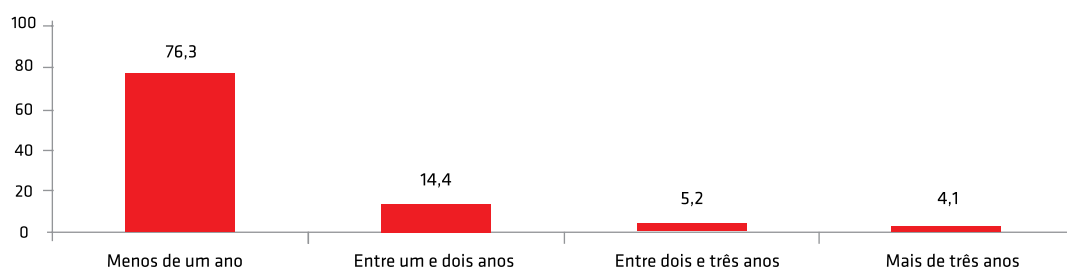
Aplicando, além disso, algumas informações adicionais a modo de variável de corte, os indicadores anteriores puderam aplicar-se sob outras fórmulas e usos. Assim, por exemplo, diferenciando os projetos entre aqueles que deveriam terminar em 2011 e os que se preveem terminarão em anos posteriores, pode afirmar-se, tal e como se observa no Gráfico 2, que:

- Entre os projetos que terminaram em 2011 foram maioria (um 54,1%) os mais curtos, ou seja, aqueles que se executaram em um período inferior ao ano. De fato, só uma minoria (17,6%) desses projetos teve uma duração superior aos dois anos.
- Pelo contrário, entre aqueles projetos que se estimou terminarão mais além de 2011, foram majoritários (um 91%) os que estarão em execução mais de um ano (56%) e inclusive dois (35%). De fato, só um 8% estarão em execução em menos de um ano.

Os resultados arrojados representam um avanço no conhecimento da Cooperação Sul-Sul em Ibero-América. Mas, de nenhum modo são resultados concludentes, pois, apesar dos esforços que os países fizeram em seus sistemas de informação, todavia se enfrentam a um limitante importante: não há disponibilidade plena de dados. Neste sentido, o Esquema 5 indica para que Porcentagem da mostra total de 586 projetos registrados em 2011 existem realmente dados relacionados com as datas de aprovação, início e finalização, assim como para todas as possíveis combinações destas. Se, além disso, se tem em conta a informação usada no caso dos indicadores testados, se pode afirmar que os resultados se referem só a uma parte do universo de projetos do que se partia:

Gráfico 1

Distribuição dos projetos, segundo tempo transcorrido entre sua aprovação e início (em Porcentagem sobre o total)

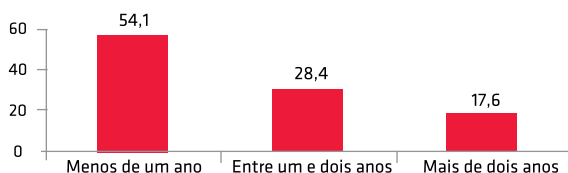


FONTE: Reprodução de SEGIB (2012).

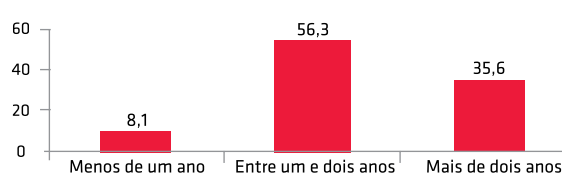
Gráfico 2

Projetos por Média de duração, segundo terminem em data igual o posterior a 2011 (em porcentagem, sobre o total dos projetos)

Projetos terminados em 2011



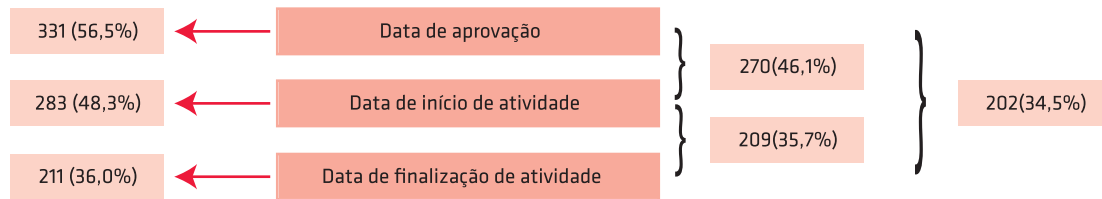
Projetos a terminar depois de 2011



FONTE: Reprodução de SEGIB (2012).

ESQUEMA 5

Informação disponível sobre datas para projetos registrados em 2011
Número de projetos, em unidades e como porcentagem do total (586) registrado em execução em 2011.



FONTE: Reprodução de SEGIB (2012).

- Os cálculos das médias de duração dos projetos afetam a pouco mais de um terço (um 35%) dos 586 registrados (dito em outros termos, só ao conjunto de projetos para os que, simultaneamente, se conhecem as datas de início e finalização).
 - O indicador «de eficiência» só aplica para o 46% dos projetos, coincidentes com aqueles para os que se dispõe, por sua vez, das datas de aprovação e início.
 - As estimativas que diferenciam segundo a data prevista de finalização somente afetam ao 34,5% dos casos (os mesmos para os que se conhecem as três datas).
- Em síntese, o potencial dos indicadores é enorme. As combinações de dados, variáveis de corte e usos finais, entre outros, possibilitam que o leque final seja realmente amplo.

ESQUEMA 6

Possíveis Indicadores para a Cooperação Sul-Sul, segundo custos e uso potencial.

	INDICADOR	FÓRMULA	USO POTENCIAL
Custos orçados, por exercícios e totais	Total do custo orçado/executado	$\sum_{i=1}^{n} CDPI$ ó $\sum_{i=1}^{n} CDEi$ $i=1, \dots, N$ Onde: N: número de projetos finalizados CDPI: custo direto orçado para o projeto i CDEi: custo direto executado para o projeto i	DIMENSÃO
	Média da relação custo directo executado e o custo directo orçamento em projectos concluídos	$\sum_{i=1}^{n} (CDEi / CDPI) / N$ $i=1, \dots, N$ Onde: N: número de projetos finalizados CDEi: custo direto utilizado para o projeto i CDPI: custo direto orçado para o projeto i	EFICIÊNCIA
	Média da relação entre o custo directo executado por oferente(s) e o custo directo executado por receptor	$\sum_{i=1}^{n} (CDEoi / CDERi) / N$ $i=1, \dots, N$ Onde: N: número de projetos aprovados CDEoi: custo direto utilizado pelo o ou os oferentes para o projeto i CDERi: custo direto executado pelo o receptor ou os receptores para o projeto i	AVALIAÇÃO DA RESPONSABILIDADE COMPARTILHADA

FONTE: SEGIB.

Os indicadores que se possam construir em torno às datas, são um exemplo disso. O coletado no *Relatório da Cooperação Sul-Sul em Ibero-américa 2012* assim o demonstra. O exercício de teste realizado através do Relatório também constata, no entanto, as limitações que entram a falta de disponibilidade plena de dados. Tal e como se verá na seção seguinte, possibilidades e limites se reproduzem para o caso dos indicadores que partem dos custos.

Indicadores construídos em torno ao registro de custos

De modo análogo a como sucedeu com as datas, Montevideu supôs um impulso definitivo ao registro dos custos executados e orçados para 2011 e para todo o ciclo de projeto de cada uma das intervenções de Cooperação Horizontal Sul-Sul Bilateral em execução esse ano. A possibilidade de dispor destes novos dados abriu outro amplo leque de indicadores. Uma mostra destes, temos no Esquema 6 no que se especifica, para cada um dos selecionados, sua fórmula de cálculo e uma de suas possíveis usos finais. Assim, por exemplo, (Esquema 6):

- Uma das múltiplas formas através das quais se pode conhecer a dimensão, neste caso, econômica, que tem a Cooperação Sul-Sul, passa por identificar a quanto ascende o custo total orçado (ou executado) para o conjunto dos projetos impulsionados na região durante um período ou exercício concreto.
- Por sua parte, uma medida de eficiência se obtém ao estimar que parte do custo orçado fosse efetivamente executado. Neste caso, os valores abaixo de um denotam uma

subutilização dos recursos, enquanto que aqueles que se situam por cima da unidade constatam que o gasto final superou ao inicialmente planejado.

- Igualmente, entre aqueles indicadores que podem permitir avaliar se os cooperadores executaram os projetos sob uma fórmula de responsabilidade compartilhada, destacaria aquele que se obtém ao estimar que proporção do custo utilizado (ou orçado) assumiu cada uma das partes (neste caso, o oferente e o receptor). Os valores acima de 0,5 sugerem que o oferente assumiu uma proporção relativamente maior que o receptor e ao contrário. Em qualquer caso, no entanto, se poderiam assumir outros indicadores complementares mais qualitativos como, por exemplo, ao compartilhar de responsabilidades na elaboração de projetos ou o fato de que se prevejam avaliações conjuntas.

De novo, a disponibilidade de dados limita as possibilidades de aplicação de ditos indicadores e força à eleição de variantes destes, modificadas a partir do recurso as variáveis de corte e níveis de agregação. Neste sentido, alguns dos indicadores que finalmente puderam ser aplicados, assim como os resultados que lançaram, ficaram recolhidos nas primeiras colunas da Tabela 4. Assim, da CHSS Bilateral de 2011 se sabe agora que:

- A dimensão econômica da cooperação em execução na América Latina no ano 2011, medida em termos do orçamento total que os oferentes tenderam a assumir por cada um dos projetos, foi significativa, pois tendeu a um valor médio aproximado aos 50.000 dólares. Enquanto que, o utilizado por esses mesmos países no ano de 2011, outra vez para cada projeto, superou os 11.500 dólares.

TABELA 4

Ilustração de Indicadores para a Cooperação Sul-Sul construídos sobre custos, segundo resultado, uso potencial e grau de representatividade sobre o total da mostra tomada

Indicador	Resultados	Uso potencial	Projetos sobre os quais aplicarem o indicador	
			Número	Porcentagem sobre o total
Orçamento total que os oferentes assumem em média para executar todo o ciclo de um projeto de CHSS Bilateral	49.022 dólares	Dimensão	129	22,0%
Custo direto executado em média pelos países oferentes no ano 2011	11.591 dólares	Dimensão	194	33,1%
Porcentagem do custo orçado pelos oferentes para 2011 que foi efetivamente utilizado	86,6%	Eficiência	138	23,5%
Porcentagem do custo destinado à execução dos projetos em 2011 que foi assumido pelos oferentes	72,7%	Responsabilidade compartilhada	39	6,7%
Porcentagem do custo destinado à execução dos projetos em 2011 que foi assumido pelos receptores	27,3%	Responsabilidade compartilhada	39	6,7%

FONTE: Elaborado a partir de SEGIB (2012)

TABELA 5

Disponibilidade dos dados sobre custos, relativos aos 586 projetos de 2011. Número, em unidades; peso, em porcentagem

Projetos para os que dispõe-se de dados	Custo direto do orçamento por...						Custo direto executado por...					
	2011			Total			2011			Total		
	Oferente	Receptor	Os dois países*	Oferente	Receptor	Os dois países*	Oferente	Receptor	Os dois países*	Oferente	Receptor	Os dois países*
Número de projetos	141	23	42	142	25	250	193	37	69	52	6	10
Peso sobre o total dos 586 em execução em 2011	24,1%	3,9%	7,2%	24,2%	4,3%	42,7%	32,9%	6,3%	11,8%	8,9%	1,0%	1,7%

* Se refere ao aportado pelos dois países cooperadores de maneira agregada. Em geral, não se conhece a discriminação do aportado por cada país.

FONTE: Reprodução parcial de SEGIB (2012).

- Por outro lado e no que se refere a quão eficientes foram os países ao executar a cooperação, o resultado arrojado pelo indicador correspondente é bastante positivo, pois os oferentes tenderam a executar o 86,6% dos recursos do orçamento.
- Finalmente, a responsabilidade na ascensão dos custos executados em 2011 foi compartilhada em participações que parecem proporcionais às distintas capacidades financeiras de cada qual: um 72,7% para os oferentes e um 27,3% para os receptores.

No entanto, a falta de dados não solo limita as possibilidades de aplicação dos indicadores, mas sim sobre todo e tal e como já sucedeu com os construídos a partir das datas, obriga a ser muitos cautos na interpretação dos resultados. De fato, a Tabela 5 se elaborou para mostrar quantos dos 586 projetos em execução em 2011 tenham efetivamente associada alguma informação relativa a algum dos oito possíveis dados que podem gerar sobrecustos. Desta observação, se desprende que:

- Existe relativamente mais informação referida aos custos dos orçamentos que aos executados; e mais dados sobre o que implica aos oferentes que aos receptores.
- Em qualquer dos casos, no entanto, pode afirmar-se que, todavia, há pouca informação sobre custos. Neste sentido e em coerência com o ponto anterior, os tamanhos das mostras oscilam entre o 1% dos projetos para os que se conhece o custo total executado pelos receptores e o 42,7% para os que se dispõe de informação relativa ao do orçamento total assumido conjuntamente pelos dois parceiros cooperantes.
- Cabe adicionar aqui que os universos de amostras se reduzem, todavia mais quando se pretende o uso combinado de vários dados à vez. Neste sentido, se conhecem simultaneamente os custos executado e do orçamento total de tão só 5,8% dos projetos; e os executados e do orçamento de 2011 para 23,5% dos registrados.

Se considerar esta realidade, ela nos obriga a revisar os resultados da Tabela 4. Portanto, de fato, as duas últimas colunas de dita tabela mostram o número de projetos (em valor absoluto

e como Porcentagem do total dos 586 em execução em 2011) sobre os que se pode aplicar cada um dos indicadores selecionados. Assim se observa, por exemplo, que:

- A dimensão econômica dada aos projetos conforme a seu Orçamento total apenas se refere ao 22% dos casos; uma Porcentagem que sobe ao 33% para o executado em 2011.
- A execução «eficiente» dos projetos, com um gasto efetivo que tem de se aproximar ao 90% do orçamento, pois só representa um 23% da amostra inicial;
- A informação relativa em forma de que se compartilhem os custos só é representativa a 6,7% da Cooperação Horizontal Sul-Sul Bilateral de 2011.

Em síntese, as possibilidades que o registro de custos oferecem para construir indicadores são múltiplas, assim como o uso potencial que os pode-se dar. De novo, no entanto, a limitação mais importante tanto para sua aplicação como para a interpretação das conclusões que façam volta a provir dos problemas que, todavia, se manifestam na hora de registrar ditos custos. Conseqüentemente, qualquer avanço que se faça nesta direção, por menor que a priori pareça, gerará avanços substanciais no conhecimento da CSS.

Do comércio exterior à Cooperação Sul-Sul: reinterpretando indicadores

Finalmente, outra possibilidade na hora de gerar Indicadores para a Cooperação Sul-Sul é revisar indicadores que já existem em outros âmbitos, reinterpretá-los e adaptá-los. Assim e por suas analogias com a cooperação, em tanto que intercâmbio entre países, um bom âmbito para isso é o relativo ao comércio internacional. Em efeito, para qualquer país, a gestão de sua política comercial ao com o resto do mundo requer da geração contínua de informação sobre aspectos tão diversos como o tamanho do mercado no que participam o peso de suas importações e exportações a intensidade de

ESQUEMA 7

Exemplos de Indicadores para a CSS que foram inspirados no Comércio

Indicador Comércio Exterior	Indicador Cooperação Sul-Sul	Fórmula	Uso potencial
Proporção que representa o intercâmbio de um país (soma de suas exportações e importações) sobre o total do comércio mundial	Proporção que representa o intercâmbio de um país (soma de sua cooperação oferecida e recebida) sobre o total da CHSSB intercambiada em Ibero-América	$(TPo + TPr)_i / \sum_{i=1...n} (TPo + TPr)_i \quad i=1, \dots, N$ <p>Onde: i: País TPo: Total projetos oferecidos TPr: Total projetos recebidos</p>	PESOPAI'S DIMENSÃO O PESO PAÍS
Peso dos 5 principais produtos de exportação/ importação sobre o total exportado/importado por um país	Peso que os 3 principais oferentes/receptores sobre o total recebido/ oferecido por um país	<p>Parte da distribuição porcentual do peso que cada parceiro oferente/receptor tem sobre o total oferecido/recebido por um país, ordenados de maneira decrescente.</p> <p>Somam-se as três maiores porcentagens.</p>	GRAU DE DEPENDÊNCIA
Número de destinos/ origens que superam um umbral pré-selecionado (por exemplo, um 75%) do total exportado/importado ao/do resto do mundo	Número de oferentes/ receptores que concentram 75% dos projetos oferecidos/ recebidos na região	<p>Parte da distribuição porcentual dos países oferentes o receptores, ordenados de maneira decrescente segundo seu peso relativo sobre o total dos projetos oferecidos/ recebidos.</p> <p>Se contabiliza cuantos países son.</p>	GRAU DE CONCENTRAÇÃO
Índice de concentração/ diversificação de Herfindahl, o qual pondera o peso de cada produto e parceiro sobre o comércio (exportações, importações o intercambio total) de um país	Índice de concentração/ diversificação da CHSS Bilateral, para medir quão concentrada está à oferta o a recepção de projetos	$n \sum_{i=1} (Pof-i / Pof-T)^2$ <p>Onde: Pof-i: projetos oferecidos (ou recebidos) por cada país Pof-T: Total dos projetos ofertados (ou recebidos) esse ano ..e onde cada um dos ratios da ideia do peso relativo que cada país tem sobre a oferta final de projetos.</p>	GRAU DE CONCENTRAÇÃO
Índice de vantagem Comparativa Revelada (IVCR) ou Índice de Bela Balassa sobre a competitividade (fortaleza ou debilidade) de um país na exportação de um produto	Índice de especialização setorial, mede a importância que uma dimensão de atividade tem no conjunto dos projetos oferecidos/ recebidos por um país	$(Poia / Poiw) / (Pota / Potw)$ <p>Onde: Poia / Poiw : Peso que os projetos oferecidos/recebidos do país a no setor de atividade i tem sobre o total dos projetos oferecidos/ recebidos em esse mesmo setor em Ibero-América. Pota / Potw.: Peso que o total dos projetos oferecidos/recebidos do mencionado país a tem sobre o total dos projetos oferecidos/ recebidos na região</p>	PERFIL DE ESPECIALIZAÇÃO SETORIAL

FONTE: SEGIB a partir de Cabrera (2012), Durán e Álvarez (2008) e SEGIB (2012).

relação manter com uns ou outros parceiros o ou padrão de especialização por produtos, por citar alguns.

O Esquema 7 recolhe 5 possíveis Indicadores para a Cooperação Sul-Sul, com suas fórmulas de cálculo e usos potenciais, e os conecta com o Indicador de Comércio Exterior no que se inspiraram. o contraste entre ambos os tipos de indicadores corrobora que, para obter as novas variantes, basta com efetuar pequenos exercícios de substituição, por exemplo: de unidades de análises (valor das exportações e importações pelo número de projetos/ações oferecidas/recebidas); de variáveis de corte (produtos por setores de atividade; destinos e origens por receptores e oferentes); ou de âmbito de aplicação (todo o comércio mundial pela cooperação no espaço ibero-americano). Mais especificamente:

- Do mesmo modo em que pode calcular-se o peso que uma economia tem no comércio mundial, pode estimar-se que participação relativa tem cada país ibero-americano sobre o total dos projetos de CHSSB intercambiados na região em um ano.
- Embora, a dependência que uma nação tenha da exportação o importação de um tipo determinado de produtos, inspira indicadores que podem medir quão dependente é um país de suas principais sócios oferentes ou receptores.
- Por sua parte, a concentração comercial (da exportação, a importação, por países e/ou produtos, segundo variante) encontra sua transposição na concentração da oferta o a recepção de Cooperação Horizontal Sul-Sul Bilateral. A este efeitos, se propõem dos vias de medição alternativas: o número de oferentes/receptores que concentram 75% dos projetos; a aplicação de uma variante do denominado Índice de Herfindahl, no que se aprofundará posteriormente, como opção para medir a concentração da cooperação por oferentes e receptores, entre outras possibilidades.

- Por último, outro Índice, o de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) o de Bela Balassa sobre a fortaleza o debilidade que cada economia mostra respeito da exportação de um produto, inspira um indicador que ilustra acerca do perfil de especialização setorial (o de capacidades e necessidades) dos países, em seus róis de oferente e receptor.

De fato, parte dos resultados incluídos no *Relatório da Cooperação Sul-Sul em Ibero-América 2012* se obtiveram ao aplicar os indicadores anteriormente propostos. As tabelas seguintes se elaboraram para ilustrar algum desses resultados.

- Em primeiro lugar, tal qual e como se observa na Tabela 6:
 - a) O países mantiveram uma participação relativa sobre o total dos projetos intercambiados na região ao longo de 2011 que oscilou entre o mínimo (1,6%) do Panamá e o máximo (18,3%) de Brasil.
 - b) Enquanto que para o Brasil (principal oferente de 2011), seus três principais receptores representaram o 36,7% dos projetos que impulsionou; para Paraguai (principal receptor de esse mesmo ano) seus três principais oferentes chegaram a explicar praticamente o 90% de toda a cooperação recebida.
 - c) Um 75% da oferta de projetos dependeu de só 4 países, frente aos 11 receptores que explicaram o mesmo volume de participação. Embora, os três principais oferentes concentraram o 70% da cooperação, um número que contrastou com o 30% correspondente ao mesmo número de receptores.
- Os resultados anteriores sugerem uma concentração da oferta de projetos de CHSS Bilateral em uns poucos países, uma maior dispersão da recepção da cooperação e, em consequência, um maior grau de dependência dos receptores respeito de seus oferentes que ao contrário. Um modo de contrastar

TABELA 6

Ilustração de resultados obtidos ao aplicar alguns novos Indicadores para a CSS

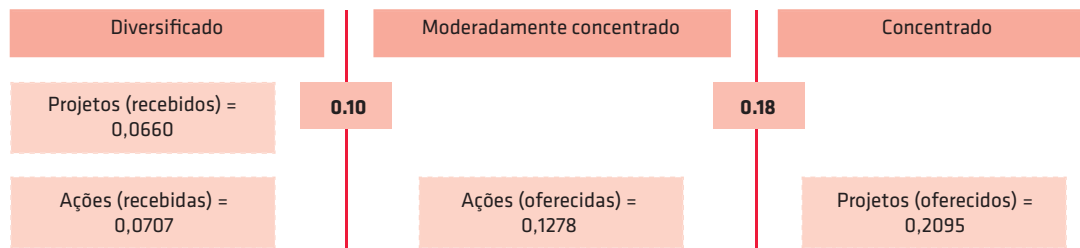
Indicador	Resultado
Participação de cada país de América Latina sobre o total dos projetos de CHSSB intercambiados em Ibero-América durante o exercício 2011*	De 1,6% a 18,3%
Peso dos três principais receptores de Brasil sobre o total dos projetos de CHSSB que este país ofereceu na região no ano 2011	36,7%
Peso dos três principais oferentes de Paraguai sobre o total dos projetos de CHSSB que este país recebeu na região no ano 2011	89,2%
Porcentagem da CHSSB oferecida pelos três principais oferentes	69,5%
Porcentagem da CHSSB recebida pelos três principais receptores	30,2%
Número de oferentes que concentram 75% da CHSSB	4
Número de receptores que concentram 75% da CHSSB	11

*Se estimou para cada um dos 19 países ibero-americanos que participam da CHSS Bilateral e os valores arrojados oscilaram entre o mínimo de Panamá (1,6%) e o máximo de Brasil (18,3%).

FONTE: Elaboração a partir de SEGIB (2012).

ESQUEMA 8

Índice de concentração/dispersão da CHSS Bilateral em Ibero-América. 2011



FONTE: Reprodução de SEGIB (2012).

com rigor estas ideais, consiste em aplicar uma variante do Índice de Herfindahl. Ao respeito cabe ressaltar que:

- a) Em economia este Índice se utiliza, por exemplo, para identificar se o comércio mundial ou de um país depende de muitos ou poucos parceiros, de muitos ou poucos produtos, ou inclusive de alguma combinação determinada de ambas as coisas.
- b) A versão mais completa deste índice se obtém somando os quadrados das participações relativas que cada produto e parceiro tem sobre o comércio que um país mantém com o resto do mundo. O recurso a este tipo de fórmula matemática facilita a obtenção de um índice que oscila entre 0 e 1.
- c) Dentro desta margem, os resultados que foram lançados são interpretados como se segue: se entende que há diversificação quando os valores estão abaixo de 0,10; concentração moderada quando alterados entre 0,10 e 0,18; e elevada concentração com valores acima de 0,18 (Durán y Álvarez, 2008).
- d) Aplicado o índice sobre os projetos de CHSS Bilateral oferecidos e recebidos em 2011 e mantendo este tabela de interpretação (ver Esquema 8), se comprova que a recepção de projetos, com um índice do 0,0660 (abaixo de 0,10), está diversificada, enquanto que a oferta,

que arrojou um valor do 0,2095 (em cima de 0,18 que marca a faixa divisória) é concentrada.

- e) o mesmo sucede com as ações, ainda que neste caso, o nível de concentração da oferta é menor que no dos projetos. Mais especificamente, a recepção de ações situaram-se em 0,0707 (sem superar o 0,10 que marca o início de uma moderada concentração), enquanto a oferta arrojou um valor do 0,1278 (na faixa intermediária, abaixo de 0,18 que indica uma concentração elevada).
- Por sua parte, uma reinterpretação do Índice de Bela Balassa, pensado para conhecer perfis de especialização e de complementariedade no intercambio de mercadorias, pode-se usar para estimar perfis de capacidades e necessidades da CHSSB. Neste sentido:
 - a) Em suas distintas versões, este Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) determina quão competitivo (o quão forte o débil) é um país na exportação de um determinado produto. Sua fórmula de uso mais corrente, de fato, se obtém a partir de calcular «*quão importante é um produto na exportação de um país, tendo em conta sua própria importância como país exportador*» (SEGIB, 2012; p.67).
 - b) Os especialistas consideram que um valor superior a 1 (e incluso a 0,9) significa que o produto estudado é

TABELA 7

Índice de VCR aplicado à CHSS Bilateral dos principais oferentes e receptores. 2011

Dimensões setoriais	Principais oferentes						Principais receptores					
	Brasil	Argentina	México	Colômbia	Cuba	Chile	Bolívia	El Salvador	Paraguai	Colômbia	Costa Rica	Equador
Social	1,09	0,63	0,59	0,49	2,36	1,52	1,07	0,83	0,93	0,49	1,01	0,90
Infraestrutura e serviços econômicos	1,05	1,06	1,21	1,23	0,00	0,44	0,74	0,92	0,52	1,38	2,83	1,14
Setores produtivos	1,04	1,42	1,15	0,67	0,48	0,68	1,23	0,53	0,85	1,20	0,28	1,10
Outros	0,83	0,99	1,23	1,78	0,33	0,92	0,80	1,65	1,40	1,22	0,89	0,94

Países por ordem importância relativa, no exercício de seus rôis como oferente e receptor, segundo corresponda.

FONTE: Reprodução de SEGIB (2012).

parte importante do padrão exportador do país. um exercício de comparação dos valores lançados por várias economias, revela simultaneamente quantos países são fortes na exportação dessa mercadoria, assim como quão competitivo é um país respeito dos demais.

c) Sob essa mesma lógica, algumas mudanças de variáveis e objetivos, junto a uma reinterpretação dos resultados que possa serem lançados, da lugar a um Indicador para a Cooperação Sul-Sul que permita conhecer que importância tem no setor e/ou dimensão de atividade no conjunto dos projetos executados por um país e, por sua vez, se há muitos ou poucos países compartilhando essa fortaleza.

d) Os resultados obtidos ao aplicar esta variante do Índice de Bela Balassa à Cooperação Sul-Sul da região, ficam recolhidos na Tabela 7. Assim, e depois aplicá-lo, em primeiro lugar, aos projetos de CHSS Bilateral dos principais oferentes de CHSSB de 2011, prévia distinção destes por dimensões de atividade (social, de infraestruturas e serviços econômicos, setores produtivos e outros, como Fortalecimento institucional e meio ambiente) e tomando como ponto de referência os valores superiores a 0,9, se pode afirmar que:

- Brasil se mostrou forte na execução de projetos sociais e econômicos, neste último caso tanto em a criação de infraestruturas e serviços como no apoio aos setores produtivos.
- Argentina e México, por sua parte, no mostraram tanta fortaleza na cooperação de caráter social, ainda que sem na econômica e naquela com um caráter mais multisetorial.

- No entanto, Cuba destacou no social; Chile combinou esse perfil com outro marcado por outras dimensões; o mesmo que Colômbia, quem se mostrou forte tanto nesta última dimensão como na cooperação mais orientada ao Fortalecimento de condições econômicas.

e) Por outro lado, além disso, e considerando que o Índice de Balassa se pode calcular também para as importações, se abre a possibilidade de identificar o perfil de necessidades de os principais receptores de CHSS Bilateral. Assim, da observação do segundo bloco de colunas da mesma Tabela 9 destaca:

- A importância do social e produtivo na cooperação recebida por Bolívia;
- Do multisetorial nos casos do El Salvador e do Paraguai;
- Da aposta por gerar condições econômicas e apoiar o social, em Costa Rica;
- Assim como a recepção de uma cooperação muito diversificada, de distintas dimensões setoriais, para a Colômbia e o Equador.

Em resumo, com algumas modificações, o traslado da lógica dos Indicadores utilizados no Estudo do Comércio Internacional à própria da Cooperação Sul-Sul, permite obter de novo outra série de indicadores. Na maioria dos casos suas possibilidades já foram testadas no *relatório da Cooperação Sul-Sul em Ibero-América 2012*. De fato, se trata de indicadores com uma vantagem relativa importante respeito dos dependentes de datas e custos: não estão limitadas pela disponibilidade de dados, pois se constroem sobre as informações que, desde faz já uns anos, os países reportam com periodicidade regular

Em forma de síntese: revisão do aprendido e novos desafios

No transcurso destes dos últimos anos, o espaço ibero-americano registrou um importante avanço em um de seus principais desafios: a geração de Indicadores para a Cooperação Sul-Sul. Em efeito, o trabalho coletivo, intergovernamental e horizontal, realizado pelos países com o apoio da Secretaria Geral Ibero-americana (SEGIB) e o Programa Ibero-americano para o Fortalecimento da Cooperação Sul-Sul (PIFCSS), deu-se seus frutos. Os resultados obtidos, no entanto, não estão isentos de novos desafios.

De fato, e tal e como ficou explícito neste documento, os países ibero-americanos conseguiram, primeiro, alcançar um consenso entorno de *o Que e Para que medir* a Cooperação Sul-Sul. Depois este passo, de enorme sensibilidade política, é que se pode avançar ao *como* concretizar ditas aspirações, um exercício este último de perfil mais técnico.

O resultado final foi à obtenção de uma ampla bateria de possíveis Indicadores para a Cooperação Sul-Sul, parte dos quais foram verificados no *relatório da CSS na Ibero-América 2012*. É inegável que sua aplicação e uso final permitiu dar um salto importante no conhecimento do que sucede na região. Mas, as possibilidades oferecidas por estes indicadores, todavia afetam uma limitante importante: a falta de plena disponibilidade de dados.

Em relação ao anterior, o avançado no isenta de enfrentar novos e inelutáveis desafios. Entre estes destacariam os seguintes:

- Haveria que melhorar as capacidades que os países tem em termos de registro e reporte de dados. De fato, e dito de outro modo, se impõe avançar no desenvolvimento dos Sistemas de Informação (SSII) sobre Cooperação dos que dispõem os países. Este esforço de melhora requer por sua vez, de um trabalho coletivo que aponte em duas direções complementarias: o desenho de um Sistema de Informação que possa, com suas variantes nacionais, ser um referente regional alcançável por todos; o fechamento das brechas que hoje existem entre os SSII dos distintos países ibero-americanos.
- Se poderia «otimizar» o uso dos dados básicos e dos indicadores que já se tem, para explicar todavia mais com o mesmo. Duas opções alternativas para isso seriam:
 - a) Recorrer à aplicação de técnicas estatísticas até agora não usadas. com isso se poderia, por exemplo, estimar modos e médias, identificar os valores que mais se re-

petem o elaborar gráficos de distribuição por percentis, entre outros.

b) Sopesar a possibilidade de trasladar e adaptar parte dos indicadores que hoje são usados para a CHSS Bilateral para outras modalidades como a Triangular.

- Em terceiro lugar, todavia fica um largo caminho no que se refere à obtenção de Indicadores para a CSS, mais centralizados na avaliação dos processos. Em efeito, sua particular natureza e conceitualização complicam a medição de aspectos claves para a CSS como podem ser a horizontalidade, a equidade o a reciprocidade, entre outros.
- Embora, resulta imprescindível avançar na construção de um dos indicadores pelos quais os países manifestam mais interesse: a valorização econômica da CSS. O caminho por andar, no entanto, é todavia largo, pois sua construção e aprovação final necessita conciliar de maneira correta os passos técnicos e as decisões políticas.
- Finalmente, todo o trabalho de registro e de geração de informação, tanto a nível nacional como regional, poderia resultar mais fácil através do uso compartilhado de uma plataforma virtual. Da mão desta plataforma comum se realizaria um processo de atualização e compartimentação da informação que dotaria de grande agilidade à gestão e a toma de decisões dos países em torno à Cooperação Sul-Sul.

Conscientes de tudo isso, os países do orçamento para 2013, a través do Plano Operativo Anual (POA) do Programa Ibero-americano para o Fortalecimento da Cooperação Sul-Sul (PIFCSS), uma série de atividades com as que comecem a responder a estes retos. Em concreto:

- Por um lado, está previsto realizar um novo diagnóstico do estado em que se esquentaram os SSII dos países da região e, a partir deste, celebrar uma Oficina que permita identificar fortalezas e debilidades de cada um destes, assim como desenhar um plano de trabalho que permita fechar as brechas que a este nível existem em Ibero-América.
- De maneira colateral, as reflexões em torno aos SSII afetarão, simultaneamente, a suas plataformas de suporte e, por isso, à possibilidade de avançar a uma compartilhada.

- Espera-se, além disso, que a próxima edição do *relatório da Cooperação Sul-Sul em Ibero-América* aplique novas fórmulas estadísticas que permitam, a partir dos dados e indicadores que já se tem, conhecer mais e melhor a Cooperação Sul-Sul da região.
- Prevê-se também oficinas temáticas que abordem, em colaboração com outros organismos especializados, a geração de outra nova série de Indicadores para a CSS. Embora, se tentará avançar no exercício de valorização desta cooperação.

Anexo. Metadados de Indicadores a partir de Cabrera (2012)

INDICADOR 2	NÚMERO DE PROJETOS COM INÍCIO DE EXECUÇÃO
Unidade de medida	Projetos
Definição	Número de projetos com início de execução no período de referência
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	Contagem de projetos com data de início de execução no período de referência
Informação primária utilizada	Projetos com início de execução (fecha de início de execução)
Período de referência	Ultimos12 meses anteriores ao relevamento
Cobertura	Projetos de cooperação CSS dos países participantes do Programa
Periodicidade	Anual
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS
Níveis de agregação	País oferente; conjunto de países oferentes; país receptor; conjunto de países receptores; conjunto de países com CSS
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: corta, mediana o larga duração; custos em trâmites)
Usos	Descrição da cooperação em um período de referência, particularmente em relação ao nível de atividade com início recente. Comparação entre setores, entre países, entre modalidades. Magnitude da cooperação.
Observações	

INDICADOR 3	NÚMERO DE PROJETOS FINALIZADOS
Unidade de medida	Projetos
Definição	Número de projetos com finalização no período de referência
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	Contagem de projetos com data de finalização no período de referência
Informação primária utilizada	Projetos com final de execução (Data de finalização)
Período de referência	Ultimos12 meses anteriores ao relevamento
Cobertura	Projetos de cooperação CSS dos países participantes do Programa
Periodicidade	Anual
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS
Níveis de agregação	País oferente; conjunto de países oferentes; país receptor; conjunto de países receptores; conjunto de países com CSS
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: corta, média ou larga duração; custos em trâmites)
Usos	Descrição da cooperação em um período de referência, em particular em relação ao nível de concretização/ culminação da atividade de cooperação. Comparação entre setores, entre países, entre modalidades. Magnitude da cooperação
Observações	

INDICADOR 4	NÚMERO DE PROJETOS EM EXECUÇÃO
Unidade de medida	Projetos
Definição	Número de projetos em execução durante o período de referência (hajam ou não finalizado)
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	Contagem de projetos em execução durante o período de referência
Informação primária utilizada	Projetos em execução (com data de início de execução mas sem data de finalização)
Período de referência	Ultimos12 meses anteriores ao relevamento
Cobertura	Projetos de cooperação CSS dos países participantes do Programa
Periodicidade	Anual
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS
Níveis de agregação	País oferente; conjunto de países oferentes; país receptor; conjunto de países receptores; conjunto de países com CSS
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: corta, mediana o larga duração; custos em trâmites)
Usos	Descrição da cooperação em um período de referência, em particular ao nível de atividade durante o período. Comparação entre setores, entre países, entre modalidades. Magnitude da cooperação,
Observações	Há projetos que se contabilizam em mais de um período de referência (quando sua duração é maior há um ano). Por tanto no pode utilizar-se o indicador em forma aditiva entre períodos de referência.

INDICADOR 5		MÉDIA DA RELAÇÃO CUSTO DIRETO DO ORÇAMENTO POR OFERENTE(S)/CUSTO DIRETO ORÇAMENTO POR RECEPTOR EM PROJETOS BILATERAIS O TRIANGULARES APROVADOS
Unidade de medida	Razão	
Definição	Valor Médio da relação custo direto do orçamento por oferentes/custo direto do orçamento pelo receptor em projetos bilaterais o triangulares aprovados no período de referência	
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	<p>Soma de (custo direto do orçamento por oferentes/custo direto do orçamento por receptor) de cada projeto bilateral o triangular aprovado / número de projetos bilaterais o triangulares aprovados</p> <p>Fórmula de cálculo:</p> $\frac{\sum_{i=1}^N \frac{CDPO_i}{CDPR_i}}{N}$ <p style="text-align: center;">i=1, ..., N</p> <p>N: número de projetos aprovados CDPOi: custo direto do orçamento pelo o os oferentes para o projeto i COPRI: custo direto do orçamento pelo receptor para o projeto i</p>	
Informação primaria utilizada	Custo direto do orçamento por cooperante(s) e custo direto do orçamento por receptor em cada projeto bilateral ou triangular aprovado	
Período de referência	Aprovação entre 18 e 6 meses anteriores ao relevamento	
Cobertura	Projetos de cooperação CSS dos países participantes do Programa	
Periodicidade	Anual	
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte	
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS	
Níveis de agregação	País oferente; conjunto de países oferentes; país receptor; conjunto de países receptores	
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: curta, mediana o larga duração; custos em trâmites)	
Usos	Em média, participação de cada parte, indicador indireto de responsabilidade compartilhada e equidade na ascensão de compromissos em projetos aprovados. Leituras diferentes segundo o nível de agregação. Por exemplo: para um país receptor, refere à sua participação (em custos diretos) em relação ao conjunto dos oferentes aos projetos nos quais é receptor. Para o conjunto de países oferentes, permite analisar o grau em que os oferentes da CSS estão comprometendo recursos (em custos diretos) nos projetos em relação aos receptores (em média).	
Observações	Para cada projeto bilateral o triangular aprovado construir razão: custo direto do orçamento por oferente(s) / custo direto do orçamento por receptor; se calcula para cada projeto e no somado o primeiro montantes de cooperantes e de receptores de todos os projetos para evitar distorções por magnitude distintas de um projetos a outro; desta maneira é possível ver o que sucede em Média em projetos; para cada projeto uma razão próxima a 1 implica aportes similares das partes; menor a 1, um aporte maior do receptor; maior a 1, um aporte maior do (dos) oferente(s) PODE SE ELABORAR TAMBÉM PARA: Projetos com início de execução no período de referência Projetos com final de execução no período de referência Projetos em execução no período de referência	

INDICADOR 6		PORCENTAGEM DE PROJETOS COM INÍCIO DE EXACUÇÃO
Unidade de medida	Porcentagem	
Definição	Porcentagem de projetos aprovados no ano anterior que iniciaram sua execução a data do reporte	
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	número de projetos com início de execução *100 número de projetos aprovados	
Informação primaria utilizada	número de projetos com início de execução que foram aprovados durante o ano anterior ao relevamento número de projetos aprovados durante o ano anterior ao relevamento	
Período de referência	Aprovação durante o ano anterior ao relevamento (1 de janeiro – 31 de dezembro) e início de execução (desses projetos) entre 1 de janeiro do ano anterior e momento do relevamento	
Cobertura	Projetos de cooperação CSS dos países participantes do Programa	
Periodicidade	Anual	
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte	
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS	
Níveis de agregação	País oferente; conjunto de países oferentes; país receptor; conjunto de países receptores	
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: curta, media ou longa duração; custos em trâmites)	
Usos	Permite analisar a capacidade/possibilidade de por em marcha os projetos aprovados em um prazo curto/médio. Uso complementar ao indicador Duração Média entre aprovação e início de execução	
Observações	Com este critério de período de referência no se consideram em nenhum período os projetos aprovados no período de referência mas cujo início de execução se realiza com posterioridade ao reporte de esse período. Pode modificar-se o período de referência para ter maior inclusão e/ou se pode ter um indicador adicional (% de projetos com início de execução entre 6 e 12 meses depois de ser aprovados) - neste caso haveria alguns projetos considerados 2 vezes.	

INDICADOR 7		DURAÇÃO MÉDIA ENTRE APROVAÇÃO E INÍCIO DE EXECUÇÃO
Unidade de medida	Meses	
Definição	Meses que em Média demoram os projetos entre a aprovação e o início de execução em projetos que iniciaram sua execução nos últimos 12 meses	
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	<p>Soma do tempo entre aprovação e início de execução de projetos com início de execução (expressado em meses)/ número de projetos com início de execução</p> <p>Fórmula de cálculo:</p> $\left[\frac{\sum_{i=1}^N (F_i - FA_i)}{N} \right] / 30$ <p>N: número de projetos com início de execução FAi: data de início de execução do projeto i Fii: data de início de execução do projeto i Ao restar às datas se obtém o tempo entre aprovação e início em dias em cada projeto, dividendo entre N se obtém a média. A divisão final entre 30 permite expressar o tempo Médio em meses.</p>	
Informação primária utilizada	Datas de aprovação e início de cada projeto com início de execução no período de referência (ou dias –ou meses– entre aprovação e início de execução de cada projeto com início de execução no período de referência	
Período de referência	Início de execução 12 meses anteriores ao relevamento	
Cobertura	Projetos de cooperação CSS dos países participantes do Programa	
Periodicidade	Anual	
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte	
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS	
Níveis de agregação	País oferente; conjunto de países oferentes; país receptor; conjunto de países receptores	
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: curta, média ou longa duração; custos em trâmites)	
Usos	Permite analisar o tempo Médio para por em andamento os projetos aprovados. Uso complementar ao indicador Porcentagem de projetos com início de execução	
Observações		

INDICADOR 8		MÉDIA DA RELAÇÃO CUSTO DIRETO EXECUTADO/CUSTO DIRETO ORÇAMENTO EM PROJETOS FINALIZADOS
Unidade de medida	Razão	
Definição	Valor Média da relação custo direto do orçamento e custo direto executado de projetos finalizados nos últimos 12 meses anteriores ao reporte	
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	<p>Soma de (custo direto executado / custo direto orçamento) de cada projeto finalizado / número de projetos finalizados</p> <p>Fórmula de cálculo:</p> $\frac{\sum_{i=1}^N \frac{CDE_i}{CDP_i}}{N}$ <p>i=1, ..., N N: número de projetos finalizados CDEi: custo direto executado para o projeto i CDPi: custo direto do orçamento para o projeto i</p>	
Informação primária utilizada	Custo direto do orçamento de cada projeto com data final de execução no período de referência Custo direto executado em cada projeto com data final de execução no período de referência	
Período de referência	Data de finalização nos 12 meses anteriores ao relato	
Cobertura	Projetos de cooperação CSS dos países participantes do Programa	
Periodicidade	Anual	
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte	
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS	
Níveis de agregação	País oferente; conjunto de países oferentes; país receptor; conjunto de países receptores	
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: curta, média ou longa duração; custos em trâmites)	
Usos	Permite analisar a capacidade/possibilidade de executar os projetos com os custos planejados/comprometidos. Insumos para avaliar a gestão. Permite identificar problemas de desenho do projeto e/ou de manejo dos recursos durante a execução	
Observações	Para cada projeto finalizado se constrói a razão: custo direto executado / custo direto orçamento; se calcula para cada projeto e no somando primeiro custos diretos do orçamento e executados de todos os projetos para evitar distorções por magnitudes distintas de um projetos a outro; desta maneira é possível ver o que sucede em Média em projetos; para cada projeto uma razão próxima a 1 implica ajuste entre previsão e execução; menor a 1, montantes executados menores a custos previstos; maior a 1, montantes executados maiores a custos previstos	

INDICADOR 9		MÉDIA DA DURAÇÃO REAL/DURAÇÃO PREVISTA
Unidade de medida	Proporção	
Definição	Valor Média da relação duração prevista para a execução e duração real em projetos finalizados em os últimos 12 meses anteriores ao reporte	
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	<p>Soma de (meses duração real / meses duração prevista) de cada projeto finalizado / número de projetos finalizados</p> <p>Fórmula de cálculo:</p> $\frac{\sum_{i=1}^{i=N} \frac{DurE_i}{DurP_i}}{N} \quad i=1, \dots, N$ <p>N: número de projetos finalizados DurEi: Duração da execução para o projeto i (diferencia entre data de início e data de finalização) em meses DurPi: Duração planificada (prevista) para o projeto i em meses</p>	
Informação primaria utilizada	Duração prevista em meses de cada projeto finalizado no período de referência Duração real em meses de cada projeto finalizado no período de referência	
Período de referência	Fecha de finalização nos 12 meses anteriores ao reporte	
Cobertura	Projetos de cooperação CSS dos países participantes do Programa	
Periodicidade	Anual	
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte	
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS	
Níveis de agregação	País oferente; conjunto de países oferentes; país receptor; conjunto de países receptores	
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: corta, mediana o larga duração; custos em trâmites)	
Usos	Permite analisar a capacidade/possibilidade de executar os projetos nos tempos planificados/ comprometidos. Insumo para avaliar a gestão. Permite identificar problemas de desenho do projeto e/ou de manejo dos recursos durante a execução	
Observações	Para cada projeto finalizado se constrói a razão: duração da execução em meses / duração prevista em meses; se calcula para cada projeto e no somando primeiro durações previstas e executadas de todos os projetos para evitar distorções por magnitudes distintas de um projetos a outro; desta maneira es possível ver o que sucede em Média em projetos ; para cada projeto uma razão próxima a 1 implica ajuste entre previsão e execução; menor a 1, duração real menor à prevista; duração real maior a prevista.	

INDICADOR 10		NÚMERO DE OFERENTES QUE CONCENTRAM 75% DOS PROJETOS																															
Unidade de medida	Países oferentes																																
Definição	Número de países oferentes que participam com ao menos 75% da oferta total de projetos de CSS aprovados no período de referência																																
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	<p>Em base à distribuição porcentual entre os países oferente dos projetos aprovados, ordenados desde o que tem maior Porcentagem até o de menor participação. Contagem dos países com maior porcentagem somando estes valores até superar 75% (Porcentagem acumulada)</p> <p><i>Exemplo:</i></p> <table border="0"> <thead> <tr> <th></th> <th>Porc.</th> <th>Porc. acumulado</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>País oferente 1</td> <td>40%</td> <td>40%</td> </tr> <tr> <td>País oferente 2</td> <td>20%</td> <td>60%</td> </tr> <tr> <td>País oferente 3</td> <td>10%</td> <td>70%</td> </tr> <tr> <td>País oferente 4</td> <td>10%</td> <td>80%</td> </tr> <tr> <td colspan="3">4 países oferentes concentram ao menos 75% da cooperação</td> </tr> <tr> <td>País oferente 5</td> <td>8%</td> <td></td> </tr> <tr> <td>País oferente 6</td> <td>7%</td> <td></td> </tr> <tr> <td>País oferente 7</td> <td>5%</td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>100%</td> </tr> </tbody> </table>				Porc.	Porc. acumulado	País oferente 1	40%	40%	País oferente 2	20%	60%	País oferente 3	10%	70%	País oferente 4	10%	80%	4 países oferentes concentram ao menos 75% da cooperação			País oferente 5	8%		País oferente 6	7%		País oferente 7	5%				100%
	Porc.	Porc. acumulado																															
País oferente 1	40%	40%																															
País oferente 2	20%	60%																															
País oferente 3	10%	70%																															
País oferente 4	10%	80%																															
4 países oferentes concentram ao menos 75% da cooperação																																	
País oferente 5	8%																																
País oferente 6	7%																																
País oferente 7	5%																																
		100%																															
Informação primária utilizada	Projetos aprovados separado por país oferente																																
Período de referência	Aprovação nos 12 meses anteriores ao relevamento																																
Cobertura	Projetos de cooperação CSS dos países participantes do Programa																																
Periodicidade	Anual																																
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte																																
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS																																
Níveis de agregação	País receptor; conjunto de países receptores de CSS																																
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: curta, média ou longa duração; custos em trâmites)																																
Usos	Permite analisar o grau de concentração das relações de um país receptor (ou do conjunto de países receptores) com os países oferentes. Complementar dos indicadores <i>Porcentagem de projetos ofertados pelos 3 países oferentes com maior participação e Índice de concentração de oferentes</i>																																
Observações	<p>PODE ELABORAR-SE TAMBÉM PARA:</p> <p><i>Projetos com início de execução no período de referência</i></p> <p><i>Projetos com final de execução no período de referência</i></p> <p><i>Projetos em execução no período de referência</i></p> <p>Uma variação importante é considerar os montantes implicados no conjunto de projetos oferecidos por cada país em vez do número de projetos; a dificuldade de implementação reside em que requer a disponibilidade desta informação para todos os projetos.</p>																																

INDICADOR 11		PORCENTAGEM DE PROJETOS OFERTADOS PELOS 3 PAÍSES OFERENTES COM MAIOR PARTICIPAÇÃO																															
Unidade de medida	Porcentagem																																
Definição	Porcentagem dos projetos aprovados no período de referência nos que intervierem como oferentes os 3 países com maior participação na oferta de projetos de CSS aprovados																																
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	<p>Em base à distribuição de percentual dos projetos entre os países oferentes, ordenados desde o que tem maior Porcentagem até o de menor participação. Soma da Porcentagem dos 3 países com maior participação.</p> <p><i>Exemplo:</i></p> <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>Porc.</th> <th>Porc. acumulado</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>País oferente 1</td> <td>40%</td> <td>40%</td> </tr> <tr> <td>País oferente 2</td> <td>20%</td> <td>60%</td> </tr> <tr> <td>País oferente 3</td> <td>10%</td> <td>70%</td> </tr> <tr> <td colspan="3">Los 3 países oferentes com maior participação concentram 70% dos projetos</td> </tr> <tr> <td>País oferente 4</td> <td>10%</td> <td></td> </tr> <tr> <td>País oferente 5</td> <td>8%</td> <td></td> </tr> <tr> <td>País oferente 6</td> <td>7%</td> <td></td> </tr> <tr> <td>País oferente 7</td> <td>5%</td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td>100%</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				Porc.	Porc. acumulado	País oferente 1	40%	40%	País oferente 2	20%	60%	País oferente 3	10%	70%	Los 3 países oferentes com maior participação concentram 70% dos projetos			País oferente 4	10%		País oferente 5	8%		País oferente 6	7%		País oferente 7	5%			100%	
	Porc.	Porc. acumulado																															
País oferente 1	40%	40%																															
País oferente 2	20%	60%																															
País oferente 3	10%	70%																															
Los 3 países oferentes com maior participação concentram 70% dos projetos																																	
País oferente 4	10%																																
País oferente 5	8%																																
País oferente 6	7%																																
País oferente 7	5%																																
	100%																																
Informação primária utilizada	Projetos aprovados separados por país oferente																																
Período de referência	Aprovação nos 12 meses anteriores ao relevamento																																
Cobertura	Projetos de cooperação CSS dos países participantes do Programa																																
Periodicidade	Anual																																
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte																																
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS																																
Níveis de agregação	País receptor; conjunto de países receptores de CSS																																
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: curta, média ou longa duração; custos em trâmites)																																
Usos	Permite analisar o grau de concentração das relações de um país receptor (ou do conjunto de países receptores) com os países oferentes. Complementar dos indicadores <i>Número de oferentes que concentram 75% da oferta de cooperação e Índice de concentração de oferentes</i>																																
Observações	<p>PODE ELABORAR-SE também PARA:</p> <p>Projetos com início de execução no período de referência</p> <p>Projetos com final de execução no período de referência</p> <p>Projetos em execução no período de referência</p> <p>Uma variação importante é considerar os montantes implicados no conjunto de projetos oferecidos por cada país em vez do número de projetos; a dificuldade de implementação reside em que requer a disponibilidade desta informação para todos os projetos.</p>																																

INDICADOR 12		ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO DE OFERENTES
Unidade de medida	Não corresponde	
Definição	Grau de concentração dos países oferentes de acordo ao número de projetos aprovados no período de referência em que participa cada oferente. O índice varia entre 0 (mínima concentração) e 1 (máxima concentração), o pode expressar-se em percentagens (0-100%).	
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	<p>Soma para o conjunto de países oferentes do quadrado da proporção de projetos aprovados em que participa cada oferente. A proporção de projetos em que participa cada país é: número de projetos aprovados em que país X é oferente/número de projetos aprovados)</p> <p>Fórmula de cálculo:</p> $\sum_{i=1}^{j=19} \left(\frac{PO_i}{N} \right)^2$ <p>N: número de projetos aprovados POi: Número de projetos do país oferente Consideram-se os 19 países latino-americanos que participam com CSS</p>	
Informação primaria utilizada	Número de projetos aprovados no período de referência separado por país oferente	
Período de referência	Aprovação nos 12 meses anteriores ao relevamento	
Cobertura	Projetos de cooperação CSS dos países participantes do Programa	
Periodicidade	Anual	
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte	
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS	
Níveis de agregação	País receptor; conjunto de países receptores de CSS	
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: curta, média ou longa duração; custos em trâmites)	
Usos	É um índice sintético que permite analisar o grau de concentração das relações de um país receptor (ou do conjunto de países receptores) com os países oferentes. Complementar dos indicadores <i>Número de oferentes que concentram 75% da oferta de cooperação dos projetos aprovados e Porcentagem de projetos ofertados pelos 3 países oferentes com maior participação</i>	
Observações	<p>Em caso de cooperação triangular em que participam 2 países da região como oferentes se sugere tomar valor 1/2 em esse projeto para cada país ao calcular a proporção de projetos em que participa cada oferente. Baseado no Índice de concentração de Herfindahl-Hirschman (IHH) sobre comércio exterior. Ao tomar o quadrado da proporção de projetos de cada país oferente, o peso é maior quantos mais projetos sejam aportados por um único país.</p> <p>PODE ELABORAR-SE TAMBÉM PARA:</p> <ul style="list-style-type: none"> Projetos com início de execução no período de referência Projetos com final de execução no período de referência Projetos em execução no período de referência <p>Uma variação importante é considerar os montantes implicados no conjunto de projetos oferecidos por cada país em vez do número de projetos; a dificuldade de implementação reside em que requer a disponibilidade desta informação para todos os projetos.</p>	

INDICADOR 13		NÚMERO DE RECEPTORES QUE RECEBEM 75% DOS PROJETOS																															
Unidade de medida	Países																																
Definição	Número de países receptores que participam com ao menos 75% dos projetos de CSS aprovados no período de referência																																
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	<p>Em base à distribuição percentual entre os receptores dos projetos aprovados, ordenados desde o que tem maior Porcentagem até o de menor participação. Contagem dos países com maior porcentagem somando estes valores até superar 75% (Porcentagem acumulado)</p> <p><i>Exemplo:</i></p> <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>Porc.</th> <th>Porc. acumulado</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>País receptor 1</td> <td>40%</td> <td>40%</td> </tr> <tr> <td>País receptor 2</td> <td>20%</td> <td>60%</td> </tr> <tr> <td>País receptor 3</td> <td>10%</td> <td>70%</td> </tr> <tr> <td>País receptor 4</td> <td>10%</td> <td>80%</td> </tr> <tr> <td colspan="3">4 países receptores concentram ao menos 75% da cooperação</td> </tr> <tr> <td>País receptor 5</td> <td>8%</td> <td></td> </tr> <tr> <td>País receptor 6</td> <td>7%</td> <td></td> </tr> <tr> <td>País receptor 7</td> <td>5%</td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td>100%</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				Porc.	Porc. acumulado	País receptor 1	40%	40%	País receptor 2	20%	60%	País receptor 3	10%	70%	País receptor 4	10%	80%	4 países receptores concentram ao menos 75% da cooperação			País receptor 5	8%		País receptor 6	7%		País receptor 7	5%			100%	
	Porc.	Porc. acumulado																															
País receptor 1	40%	40%																															
País receptor 2	20%	60%																															
País receptor 3	10%	70%																															
País receptor 4	10%	80%																															
4 países receptores concentram ao menos 75% da cooperação																																	
País receptor 5	8%																																
País receptor 6	7%																																
País receptor 7	5%																																
	100%																																
Informação primária utilizada	Número de projetos aprovados no período de referência repartições por país receptor																																
Período de referência	Aprovação nos 12 meses anteriores ao relevamento																																
Cobertura	Projetos de cooperação CSS dos países participantes do Programa																																
Periodicidade	Anual																																
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte																																
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS																																
Níveis de agregação	País oferente; conjunto de países oferentes de CSS.																																
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: curta, média ou longa duração; custos em trâmites)																																
Usos	Permite analisar o grau de concentração das relações de um país oferente (ou do conjunto de países oferentes) com os países receptores. Complementar dos indicadores <i>Porcentagem de projetos recebidos pelos 3 países receptores com maior participação e Índice de concentração de receptores</i>																																
Observações	<p>PODE ELABORAR-SE TAMBÉM PARA:</p> <ul style="list-style-type: none"> Projetos com início de execução no período de referência Projetos com final de execução no período de referência Projetos em execução no período de referência <p>Uma variação importante é considerar os montantes implicados no conjunto de projetos recebidos por cada país em vez do número de projetos; a dificuldade de implementação reside em que requer a disponibilidade desta informação para todos os projetos.</p>																																

INDICADOR 14		PORCENTAGEM DE PROJETOS RECEBIDOS PELOS 3 PAÍSES COM MAIOR PARTICIPAÇÃO																																									
Unidade de medida	Porcentagem																																										
Definição	Porcentagem dos projetos aprovados no período de referência nos que interveem como receptores os 3 países receptores com maior número de projetos de CSS aprovados																																										
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	<p>Em base à distribuição de percentual entre os países receptores dos projetos aprovados, ordenados desde o que tem maior Porcentagem até o de menor participação. Soma da Porcentagem dos 3 países com maior participação.</p> <p><i>Exemplo:</i></p> <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>Porc.</th> <th>Porc. acumulado</th> <th></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>País receptor 1</td> <td>40%</td> <td>40%</td> <td></td> </tr> <tr> <td>País receptor 2</td> <td>20%</td> <td>60%</td> <td></td> </tr> <tr> <td>País receptor 3</td> <td>10%</td> <td>70%</td> <td></td> </tr> <tr> <td colspan="4">Los 3 países receptores com maior participação concentram 70% dos projetos</td> </tr> <tr> <td>País receptor 4</td> <td>10%</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>País receptor 5</td> <td>8%</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>País receptor 6</td> <td>7%</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>País receptor 7</td> <td>5%</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>100%</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				Porc.	Porc. acumulado		País receptor 1	40%	40%		País receptor 2	20%	60%		País receptor 3	10%	70%		Los 3 países receptores com maior participação concentram 70% dos projetos				País receptor 4	10%			País receptor 5	8%			País receptor 6	7%			País receptor 7	5%					100%	
	Porc.	Porc. acumulado																																									
País receptor 1	40%	40%																																									
País receptor 2	20%	60%																																									
País receptor 3	10%	70%																																									
Los 3 países receptores com maior participação concentram 70% dos projetos																																											
País receptor 4	10%																																										
País receptor 5	8%																																										
País receptor 6	7%																																										
País receptor 7	5%																																										
		100%																																									
Informação primaria utilizada	Número de projetos aprovados no período de referência repartições por país receptor																																										
Período de referência	Aprovação nos 12 meses anteriores ao relevamento																																										
Cobertura	Projetos de cooperação CSS dos países participantes do Programa																																										
Periodicidade	Anual																																										
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte																																										
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS																																										
Níveis de agregação	País receptor; conjunto de países receptores de CSS																																										
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: curta, média ou longa duração; custos em trâmites)																																										
Usos	Permite analisar o grau de concentração das relações de um país oferente (ou do conjunto de países oferentes) com os países receptores. Complementar dos indicadores <i>Número de receptores que concentram 75% dos projetos de CSS aprovados e Índice de concentração de receptores</i>																																										
Observações	<p>PODE ELABORAR-SE TAMBÉM PARA:</p> <p>Projetos com início de execução no período de referência</p> <p>Projetos com final de execução no período de referência</p> <p>Projetos em execução no período de referência</p> <p>Uma variação importante é considerar os montantes implicados no conjunto de projetos recebidos por cada país em vez do número de projetos; a dificuldade de implementação reside em que requer a disponibilidade desta informação para todos os projetos.</p>																																										

INDICADOR 15	ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO (DIVERSIFICAÇÃO) DE RECEPTORES NO PERÍODO DE REFERÊNCIA
Unidade de medida	Não corresponde
Definição	Grau de concentração dos países receptores de aquedo ao número de projetos aprovados no período de referência em que participa cada receptor. O índice varia entre 0 (mínima concentração) e 1 (máxima concentração), o pode expressar-se em porcentagens (0-100%).
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	<p><i>Fórmula de cálculo:</i></p> $\sum_{j=1}^{j=19} \left(\frac{PR_i}{N} \right)^2$ <p>N: número de projetos aprovados PRi: Número de projetos do país receptor i Consideram-se os 19 países latino-americanos que participam com CSS</p>
Informação primaria utilizada	Número de projetos aprovados no período de referência repartições por país receptor
Período de referência	Aprovação nos 12 meses anteriores ao relevamento
Cobertura	Projetos de cooperação CSS dos países participantes do Programa
Periodicidade	Anual
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS
Níveis de agregação	País oferente; conjunto de países oferentes de CSS.
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: curta, média ou longa duração; custos em trâmites)
Usos	É um índice sintético que permite analisar o grau de concentração/diversificação das relações de um país oferente (ou do conjunto de países oferentes) com os países receptores. Complementar dos indicadores <i>Número de receptores que concentram 75% dos projetos de CSS aprovados e Porcentagem de projetos recebidos pelos 3 países receptores com maior participação</i>
Observações	<p>Baseado no Índice de concentração de Herfindahl-Hirschman (IHH) sobre comércio exterior. Ao tomar o quadrado da proporção em que participa cada país receptor, o peso é maior quantos mais projetos sejam recebidos por um único país.</p> <p>PODE ELABORAR-SE TAMBÉM PARA:</p> <p><i>Projetos com início de execução no período de referência</i> <i>Projetos com final de execução no período de referência</i> <i>Projetos em execução no período de referência</i></p> <p>Uma variação importante é considerar os montantes implicados no conjunto de projetos recebidos por cada país em vez do número de projetos; a dificuldade de implementação reside em que requer a disponibilidade desta informação para todos os projetos.</p>

INDICADOR 16	BALANÇO DE COOPERAÇÃO
Unidade de medida	Projetos como oferente por cada projeto como receptor
Definição	Razão entre o número de projetos em que se participa como oferente e receptor
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	$\frac{\text{número de projetos aprovados em que se participa como oferente}}{\text{número de projetos aprovados em que se participa como receptor}}$
Informação primária utilizada	Número de projetos aprovados no que participa como oferente Número de projetos aprovados no que participa como receptor
Período de referência	Aprovação nos 12 meses anteriores ao relevamento
Cobertura	Projetos de cooperação CSS de um país
Periodicidade	Anual
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS
Níveis de agregação	País com cooperação CSS
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: curta, média ou longa duração; custos em trâmites)
Usos	Permite a cada país analisar o grau de participação na CSS como oferente em relação à sua participação como receptor em termos dos projetos nos que está envolvido. Complementar dos indicadores <i>Balanço de custos de cooperação</i> , <i>Intensidade de cooperação</i> e <i>Intensidade em custos de cooperação</i>
Observações	PODE ELABORAR-SE também PARA: PROJETOS COM INÍCIO DE EXECUÇÃO NO PERÍODO DE REFERÊNCIA PROJETOS COM FINAL DE EXECUÇÃO NO PERÍODO DE REFERÊNCIA PROJETOS EM EXECUÇÃO NO PERÍODO DE REFERÊNCIA

INDICADOR 17	BALANÇO DE CUSTOS DE COOPERAÇÃO
Unidade de medida	Dólares (ou moeda nacional) como oferente por cada dólar (ou unidade de moeda nacional) em projetos como receptor
Definição	Razão entre a soma dos custos diretos de projetos em que se participa como oferente e a soma dos custos diretos de projetos em que se participa como receptor
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	$\frac{\text{soma de custos diretos em projetos aprovados em que se participa como oferente}}{\text{soma de custos diretos em projetos aprovados em que se participa como receptor}}$
Informação primária utilizada	Custo direto de cada projeto aprovado no que participa como oferente (ou soma destes custos) Custo direto de cada projeto aprovado no que participa como receptor (ou soma destes custos)
Período de referência	Aprovação nos 12 meses anteriores ao relevamento
Cobertura	Projetos de cooperação CSS de um país
Periodicidade	Anual
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS
Níveis de agregação	País com cooperação CSS
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: curta, média ou longa duração; custos em trâmites)
Usos	Permite a cada país analisar o grau de participação na CSS como oferente em relação à sua participação como receptor em termos dos custos diretos que assume. Complementar dos indicadores
Observações	É um indicador complementar do Balanço de cooperação, ponderando pelos custos diretos do orçamento. PODE ELABORAR-SE TAMBÉM PARA: Projetos com início de execução no período de referência Projetos com final de execução no período de referência Projetos em execução no período de referência

INDICADOR 18	INTENSIDADE DE COOPERAÇÃO
Unidade de medida	Projetos
Definição	Soma de projetos em que se participa como oferente e receptor
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	número de projetos aprovados em que se participa como oferente + número de projetos aprovados em que se participa como receptor
Informação primaria utilizada	Número de projetos aprovados no que participa como oferente Número de projetos aprovados no que participa como receptor
Período de referência	Aprovação nos 12 meses anteriores ao relevamento
Cobertura	Projetos de cooperação CSS de um país
Periodicidade	Anual
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS
Níveis de agregação	País com cooperação CSS
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: curta, média ou longa duração; custos em trâmites)
Usos	Permite a cada país analisar a intensidade de sua participação na CSS como oferente e receptor em termos dos projetos nos que está involucrado. Complementar dos indicadores Balanço de cooperação, Balanço de custos de cooperação e Intensidade em custos de cooperação
Observações	PODE ELABORAR-SE TAMBÉM PARA: PROJETOS COM INÍCIO DE EXECUÇÃO NO PERÍODO DE REFERÊNCIA PROJETOS COM FINAL DE EXECUÇÃO NO PERÍODO DE REFERÊNCIA PROJETOS EM EXECUÇÃO NO PERÍODO DE REFERÊNCIA

INDICADOR 19	INTENSIDADE EM CUSTOS DE COOPERAÇÃO
Unidade de medida	Dólares (ou moeda nacional)
Definição	Soma dos custos diretos de projetos em que se participa como oferente e dos custos diretos de projetos em que se participa como receptor
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	soma de custos diretos em projetos aprovados em que se participa como oferente + soma de custos diretos em projetos aprovados em que se participa como receptor
Informação primaria utilizada	Custo direto de cada projeto aprovado no que participa como oferente (ou soma destes custos) Custo direto de cada projeto aprovado no que participa como receptor (ou soma destes custos)
Período de referência	Aprovação nos 12 meses anteriores ao relevamento
Cobertura	Projetos de cooperação CSS de um país
Periodicidade	Anual
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS
Níveis de agregação	País com cooperação CSS
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: curta, média ou longa duração; custos em trâmites)
Usos	Permite a cada país analisar a intensidade de sua participação na CSS como oferente e receptor em termos dos projetos nos que está envolvido. Complementar dos indicadores Balanço de cooperação, Balanço de custos de cooperação e Intensidade de cooperação
Observações	PODE ELABORAR-SE TAMBÉM PARA: Projetos com início de execução no período de referência Projetos com final de execução no período de referência Projetos em execução no período de referência

INDICADOR 20	DENSIDADE DE COOPERAÇÃO
Unidade de medida	Porcentagem de relações possíveis entre pares de países
Definição	Grau de relacionamento entre países da região participantes de CSS
Fórmula de cálculo /obtenção do indicador	Número de pares diferentes de países com relações de cooperação entre eles* 100 / 171 (número de relações possíveis) Número de pares diferentes de países latino-americanos com relações de cooperação entre eles, é dizer países que compartilhem projetos aprovados no período de referência
Informação primária utilizada	Número de projetos repartições por oferente(s) e receptor
Período de referência	Aprovação nos 12 meses anteriores ao relevamento
Cobertura	Projetos de cooperação CSS dos países participantes do Programa
Periodicidade	Anual
Frequência de relevamento	Anual ou menor, dependendo de cada fonte
Fontes	Oficinas de cooperação dos países participantes em CSS
Níveis de agregação	Conjunto de países latino-americanos participantes de CSS (19 países)
Outras aberturas	Setores; modalidades de cooperação; tipologias de projetos (por ex: curta, média ou longa duração; custos em trâmites)
Usos	Permite analisar o grau de relacionamento a través da CSS entre os distintos países latino-americanos.
Observações	O valor 171 é o resultado das combinações de 2 dos 19 países da região (máximo de relações bilaterais possíveis entre eles). PODE ELABORAR-SE TAMBÉM PARA: Projetos com início de execução no período de referência Projetos com final de execução no período de referência Projetos em execução no período de referência

BIBLIOGRAFIA

- Cabrera (2012). *Proposta de indicadores e base de dados comum para a Cooperação Sul-Sul*. Relatório final de consultoria. Montevideu, 50 pp
- De la Lastra (2011). Relatório do Seminário-Oficina «Indicadores para a Cooperação Sul-Sul: Necessidades, possibilidades e desafios» celebrado em Quito (Equador) durante os dias 14 a 16 de setembro. PIFCSS-SETECI, Quito, 26 pp
- Durán y Álvarez (2008). «Indicadores de comércio exterior e política comercial: medições de posição e dinamismo comercial». Documento de projeto da Comissão econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL). CEPAL-GTZ, Santiago de Chile, 43 pp
- Mondragón Pérez, A. (2002) «O que são os indicadores?» na Revista de Informação e Análises, nº 19, pp 52-58
- Programa Ibero-americano para o Fortalecimento da Cooperação Sul-Sul (PIFCSS) (2012). Relatório final do Seminário-Oficina sobre «Questionário para o relatório da Cooperação Sul-Sul em Ibero-América 2012: revisão, melhora e incorporação de indicadores» celebrado em Montevideu, 27 a 29 de março de 2012. PIFCSS-SEGIB, Madrid, abril, 30 pp
- S Secretaria Geral Ibero-americana (SEGIB) (2012). *Relatório da Cooperação Sul-Sul em Ibero-América 2012*. SEGIB, PIFCSS e AECID. Madrid, 167 pp



www.cooperacionsursur.org

Torre Executiva
Praça Independência 710
CP 11100, Montevideú, Uruguai
(598) 2150 Ext. 1271